

o Preto

Revista de Cultura
da Imprensa Oficial do
Estado do Rio de Janeiro

*NÃO DESMATARÁS,
NÃO POLUIRÁS,
NÃO DESTRUIRÁS...*



A Teologia da Criação,
do Pe. Josafá Siqueira,
entra na luta pela
salvação do Planeta

Página 4

Radionovela volta ao ar com ajuda da internet e programas de conscientização. Página 10

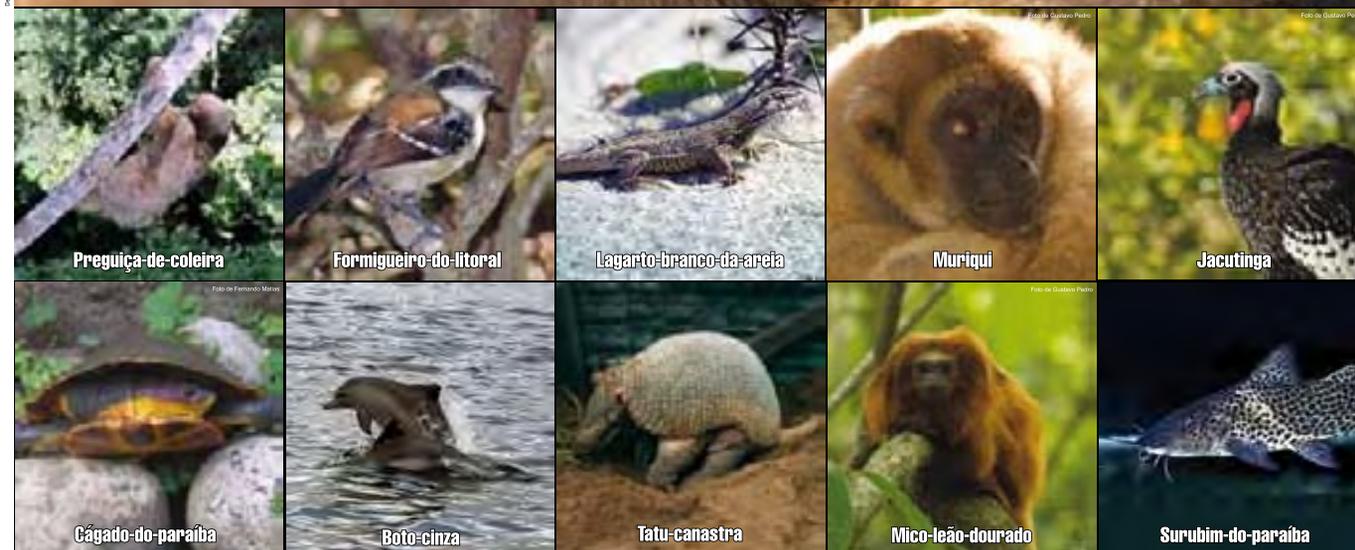
Mais Leitura, da Imprensa Oficial, já vendeu mais de 26 mil livros novos a partir de R\$ 2. Página 22

Macaé: bênçãos e lendas marcam a capital brasileira do petróleo. Página 28

Foto de Gustavo Pedro

Abrace essas Dez!

DEFENDA TODAS AS ESPÉCIES AMEAÇADAS



Os desmatamentos, as queimadas, a caça e a intensa urbanização, entre outras ações humanas, rompem o equilíbrio da natureza, destruindo preciosos habitats no Estado do Rio de Janeiro. Dez espécies – boa parte vivendo na Mata Atlântica – se encontram mais ameaçadas de extinção. A Secretaria de Estado do Ambiente promove políticas públicas e cria parcerias com governos municipais e a

sociedade para melhor proteger as espécies ameaçadas, com a conservação de seus habitats.

Você pode participar desta luta pela preservação das espécies, denunciando crimes ambientais, participando de ações de proteção e apoiando prefeituras na criação de parques, entre outras iniciativas. Denuncie! Participe!



DENUNCIE CRIMES AMBIENTAIS



Batalhão Florestal: (21) 2701-0832
<http://bpfma-rj.blogspot.com>
 Delegacia de Proteção Ambiental - DPMA
 (21) 2334-8514
www.policiacivil.rj.gov.br

Disque Denúncia: (21) 2253-1177
www.disquedenuncia.org.br
 Central de Única de Teletendimento da Prefeitura do Rio: 1746
www.1746.rio.gov.br





Sérgio Cabral
GOVERNADOR

Regis Velasco Fichtner Pereira
SECRETÁRIO DE ESTADO CHEFE DA CASA CIVIL



Haroldo Zager Faria Tinoco
Diretor-Presidente

Mauro Abreu do Amaral
Diretor Administrativo-Financeiro

Jorge Narciso Peres
Diretor-Industrial

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Telefone: 2717-4141 PABX

www.imprensaoficial.rj.gov.br

o Prelo ANO VIII nº 28

Revista de Cultura da Imprensa
Oficial do Estado do Rio de Janeiro

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Assessoria de Comunicação Social - ASCOP
Tels: (21) 2717-4682

Endereço eletrônico:
oprelo@imprensaoficial.rj.gov.br

Editado pela Assessoria de
Comunicação Social da Imprensa Oficial

Assessora de Comunicação:
Andréa de Freitas Machado

Redator:
Luiz Augusto Erthal

Estagiários:
Priscilla Daumas
Juliana Araújo
Ricardo Chau
Thiago da Matta

Programação Visual:
Angela Duque
Luís Fernando da Silva Reis

Revisão:
Assessoria de Comunicação Social
da Imprensa Oficial

IMPRESSA NO PARQUE GRÁFICO DA
IMPRESSA OFICIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

NESTA EDIÇÃO

CAPA

04 A TEOLOGIA DA CRIAÇÃO
apresenta uma nova alternativa
para o desafio ambiental

RÁDIO

10 A RADIONOVELA - Movimento tímido,
mas crescente moderniza e traz de volta o
gênero que encantou o país

BIBLIOTECA

16 BIBLIOTECA DE NITERÓI -
Restauração para preservar a história

ARTIGO

20 ARNALDO NISKIER
Escreve sobre o amigo Josué Montelo

LIVROS

22 MAIS LEITURA - Histórias, conhecimento e
cidadania ao acesso de todos

EXPOSIÇÃO

24 TERRA DE ARRARIBOIA: Um front do rock

MÚSICA

25 HERMÍNIO BELLO DE CARVALHO
Vestígios de uma vida
dedicada à cultura



EVENTO

26 IMPRENSA OFICIAL - A literatura fluminense
encanta o público na XV Bienal do Livro

MUNICÍPIOS

28 MACAÉ,
a capital
brasileira
do petróleo



AS OPINIÕES EMITIDAS NAS MATÉRIAS SÃO DE RESPONSABILIDADE
EXCLUSIVA DOS AUTORES

AGENDA AMBIENTAL



Você um dia vai ter uma...

LUIZ AUGUSTO ERTHAL

Foto: Agência Globo



Os afrescos renascentistas de Michelangelo na abóbada da Capela Sistina não são mais os únicos luminares nos tetos do Vaticano. Recentemente, um poderoso sistema solar de 5 mil metros quadrados, capaz de produzir 300 quilowatt/hora de energia limpa para atender o salão de audiências papais e outros prédios ao redor, introduziu a vetusta sede da Igreja Católica na era das fontes energéticas alternativas. O Vaticano também se tornou o primeiro estado neutral em emissões de CO₂, através do reflorestamento de bosques, que compensam suas emissões.

A preocupação ambiental, no entanto, parece não estar restrita apenas às estruturas físicas. Novas luzes também estão sendo lançadas sobre a atitude da igreja diante da grave crise planetária dos dias atuais, numa demonstração de que a questão ecológica depende de uma abordagem mais espiritual do que se possa imaginar. “A crise atual não é ecológica. É antropológica”, sustenta o padre Josafá Carlos de Siqueira, reitor da PUC-Rio, que há mais de 20 anos prega um “novo humanismo baseado na relação com o transcendente e com a criação” como forma de enfrentamento dos desafios ambientais.

Em sua encíclica *Caritas in Veritate*, Bento XVI, já apontado como “o Papa verde” por causa de sua preocupação ambiental, defende a valorização da natureza como uma criação de Deus, ao mesmo tempo em que rejeita os pontos de vista pagãos ou panteístas. “O crente reconhece na natureza o maravilhoso resultado da atividade criativa de Deus, que devemos usar de maneira responsável para satisfazer nossas legítimas necessidades, materiais ou de outra índole, respeitando o equilíbrio intrínseco da criação”, preconiza o documento.

A chamada Teologia da Criação tem inspirado projetos como a Agenda Ambiental da PUC-Rio, onde, desde 1999, funciona um Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente, o NIMA, responsável por se articular com todos os departamentos da universidade para implementar uma política de conscientização dos alunos e da sociedade para a problemática ambiental. Graças às suas ações socioambientais, a PUC-Rio foi uma das três únicas universidades brasileiras – ao lado da USP e da Universidade Federal de São Paulo – a figurar UI Green Metric World University Ranking, ocupando o 55º lugar do índice que mede o compromisso das instituições de ensino superior com a sustentabilidade.

DAS 13 MILHÕES DE ESPÉCIES VIVAS DO PLANETA, APENAS 1,75 MILHÃO FOI NOMEADA E REGISTRADA



– *Qual a relação entre Jesus Cristo e o meio ambiente?*

– Para nós, cristãos, o fundamento na teologia da criação é básico. A figura de Cristo é central porque a partir do modo de ser e de agir de Jesus é que nós entendemos melhor a relação com o mundo criado e o sentido transcendente da história humana e da história planetária. É na pessoa de Jesus que vamos encontrar o fundamento de todas as nossas aspirações, desejos, lutas e ideais. E aí eu chamaria atenção de que na pessoa de Jesus Cristo é que vamos encontrar uma cosmovisão talvez mais adaptada aos nossos dias que na teologia se chama uma tradição bíblica hermenêutica manifestativa. Na Bíblia encontramos duas tradições: uma é chamada a tradição hermenêutica proclamativa e a outra é a tradição hermenêutica manifestativa.

Na tradição hermenêutica proclamativa, que aparece em vários livros bíblicos, o forte é a relação homem/Deus. Entra a dimensão da natureza, mas essa relação é mais centrada na dimensão antropocêntrica, mais voltada para o homem. Já na relação manifestativa, que aparece por exemplo no livro dos Salmos, nós vamos encontrar uma relação diferente, que é a relação com Deus e também com a natureza. Nós vamos encontrar aí essa tríplice relação muito articulada. Só se compreende o homem a partir da sua relação com Deus e da sua relação com a natureza. E a natureza só pode ser compreendida a partir da sua relação com Deus e da sua relação com o homem. É uma relação muito articulada, muito unida, muito sistêmica.

A pergunta nos nossos dias é: qual a cosmovisão que deve ser enfatizada? Eu diria que talvez a visão manifestativa. É interessante como, na pessoa de Jesus, nós vamos encontrar muito essa visão manifestativa, sobretudo nas parábolas porque, ao falar do Reino de Deus, Jesus reporta a relação com Deus, com os homens e com a natureza. São vários exemplos expostos na sabedoria das parábolas, como a relação com o reino vegetal, com o reino mineral e com o reino animal. Lá estão o trigo, os peixes, a rocha, o que mostra que na cosmovisão de

Foto: Divulgação PUC-Rio

ENTREVISTA

Padre Josafá Siqueira

“Cada ser vivo que desaparece é uma presença a menos do Criador.”



Jesus a tradição manifestativa está muito forte, porque se compreende uma interrelação entre as três dimensões fundamentais: a dimensão do Criador, a relação do Salvador, a relação do homem, que é a relação antropológica, e a relação cosmológica, ou seja, da criação como um todo.

– *Aí está, para o senhor, a essência do amor à natureza?*

– Acho isso muito importante porque é exatamente quando nasce para nós as inspirações. Por que nós devemos ter esse amor profundo pela natureza? Porque ela é obra do Criador, porque ela é epifania de Deus, ou seja, manifestação de Deus. Por isso a razão de nossas lutas pela preservação da natureza, pela defesa do patrimônio da criação, porque a criação é também uma epifania de Deus. Então, nessa epifania de Deus a figura de Jesus é muito importante porque essa manifestação está muito ligada ao mundo

de Jesus, à realidade em torno de Jesus. É bonito ver como, na figura de Jesus, a relação com o pai se compreende na relação com as pessoas e na relação com o mundo criado. Aí realmente nasce a grande inspiração.

– *Como são e o que acontece nos seus retiros ecológicos?*

– Eu tenho uma tradição de realizar há 20 anos os retiros ecológicos. Comecei no interior de São Paulo, onde ainda continuo realizando, mas faço também no Rio, em Brasília, Goiânia. O retiro ecológico é a possibilidade de meditar, contemplar essa tríplice relação – homem/Deus/natureza – e ao mesmo tempo agradecer a Deus por toda essa criação de milhões e milhões de anos, que nos precede na história cronológica da vida, além de suscitar nas pessoas essa visão mais integradora que falta em nossos dias. Hoje temos uma visão muito fragmentada. Se tivéssemos uma visão integradora



QUEIMADAS E DESMATAMENTO JÁ ALTERARAM 80% DA CAATINGA, PRINCIPAL BIOMA DA REGIÃO NORDESTE

nós superaríamos essas dicotomias. A nossa cultura foi se desenvolvendo de forma muito fragmentada. Na medida em que foram surgindo os saberes científicos, isso foi se fragmentando e perdendo a visão de totalidade.

Acho que vivemos um momento hoje, sobretudo com a crise planetária muito forte, com o planeta dando sinais de limite, em que nós precisamos resgatar essa visão, porque ela é importantíssima no processo. Do contrário nós vamos ter consequências de todas essas perdas, mas também vamos deixar escapar centenas e centenas de seres que fazem parte da obra do Criador, que irão desaparecer do planeta.

No retiro ecológico temos o momento de oração e contemplação, mas também o momento de reflexão para que as pessoas vejam que não podemos abrir mão dessa história da criação, que é a nossa história. Senão estaremos esquecendo o que está no livro de Gênesis, capítulo nove, em que mostra o sinal da aliança. Ali está fundamentado e é o ponto central. O Criador fez uma aliança com os homens, com os animais, com todos os seres criados. Hoje o nosso papel talvez seja refazer essa aliança, resgatar a dimensão dessa aliança, porque não podemos deixar desaparecer seres que passaram milhões e milhões de anos da história em um processo evolutivo e que de uma hora para outra se evaporam.

- *Além dos retiros ecológicos, o senhor também aborda esse tema em sala de aula...*

Eu trato muito disso também no meu curso de Ética Ambiental, tanto para graduação como para pós graduação. A gente reflete muito sobre isso, sobre o resgate dessa dimensão criacional, essa dimensão profunda que existe. Não é só uma visão da ciência, mas a visão da ciência articulada com a visão da fé. E isso é fundamental hoje em dia porque é onde a gente trabalha mais com a visão do humano mesmo. Porque, como dizem alguns pensadores – e o Papa João Paulo II chegou a afirmar isso –, a crise do mundo hoje não é a crise ecológica. É a crise antropológica. O problema ecológico está ligado a uma problemática nossa, que nasce da incapacidade de compreendermos a criação como um todo, da incapacidade de mantermos uma relação mais próxima e ao mesmo tempo o caráter predatório, que vai contra os princípios fundamentais da fé.

- *Como foi a sua formação ambiental?*

- Eu tenho a felicidade de ter tido uma tríplice formação: a formação teológica e filosófica, como sacerdote; depois a formação como biólogo, tendo me graduado e feito mestrado e doutorado em biologia vegetal na Unicamp; e, por fim, tive a felicidade de vir trabalhar na PUC, onde estou completando 25 anos, porque aqui a diálogo entre os saberes é muito mais próximo. A visão interdepartamental e interdisciplinar, entre as ciências humanas, as ciências exatas e as ciências biológicas ajuda muito.

Por isso escrevi vários livros e feito muitas palestras sobre o tema.

- *Como recuperar a harmonia no relacionamento do homem com a natureza?*

- O que mais me preocupa, no fundo, é o problema ético. Nós vivemos hoje uma crise ética nessa relação do homem, seja com a natureza, seja com o transcendente também. Porque quando se esvazia a visão transcendente da vida, a relação do homem com a natureza é tratada num plano de horizontalidade. Perde-se a visão de verticalidade. E a gente esquece que a criação em si tem também uma destinação sobrenatural. Paulo, na carta aos Romanos, comenta muito isso, que a criação geme e sofre com dores de parto. Aguarda a libertação. O salmo 35 tem um versículo que chega a afirmar isso. Deus quer salvar os homens e os animais. Há uma destinação também para a criação.

Precisamos, nesse sentido, enfatizar hoje que a fé tem uma dimensão forte e pode contribuir nesse processo de resgate de uma visão maior, num processo de reeducação humana. Por isso que trabalhei nos últimos anos com o processo de educação ambiental, pois vejo nele o caminho para reeducar as pessoas dentro de uma visão mais integradora da realidade. É bom que se tenha o olhar pontual da realidade, mas esse olhar tem que estar articulado com uma visão de globalidade. Eu costumo dizer aos meus alunos: a gente tem que ser bom na pontualidade, pois, do contrário, ficamos generalistas, mas por outro lado a gente tem que ter a visão de totalidade. Essa é inspiradora.

- *O senhor diria que esta visão ambiental da igreja seria uma nova teologia?*

- Eu diria que esta não é uma nova teologia, mas o resgate de uma visão que talvez nós tenhamos perdido ao longo dos séculos. Nos documentos mais antigos do cristianismo, dos séculos 4 e 5, os santos padres tinham uma visão muito mais integradora da realidade. Existem vários artigos que mostram que a teologia da criação era algo importante. Depois nós fomos nos distanciando muito e fazendo uma teologia muito antropocêntrica.



Livros publicados pelo Padre Josafá Siqueira abordam a temática ambiental pelo ângulo da Teologia da Criação



Hoje o grande desafio é fazer uma dimensão antropocêntrica articulada com a dimensão cosmocêntrica. Acho que aí está o segredo e a urgência disso. O distanciamento do homem da natureza foi exatamente por causa disso. Nós fomos perdendo a perspectiva de transcendência e perdendo a perspectiva do mundo criado.

Hoje o grande trabalho na área ambiental é resgatar a dimensão de sensibilidade em relação às coisas, até mesmo às coisas pequenas ao nosso redor. Às vezes eu costumo dizer, quando entro num ambiente qualquer e vejo um vaso de planta seco, que a pessoa não sabe cuidar do mundo ao seu redor, porque há um ser vivo ali dentro e o mínimo que se tem de fazer é colocar um pouco de água. Quando se perde essa relação com a natureza repercute muito também na nossa relação com Deus. As coisas estão articuladas. Nós temos que entender essa visão mais sistêmica do mundo, uma visão chamada por alguns mais holística, mais integradora.

Eu acho que essa tríplice relação está no mais profundo da liberdade humana. A liberdade humana é formada de singularidade e pluralidade. A singularidade é a resposta única e exclusiva que só nós podemos dar. Agora, na pluralidade aparece a tríplice relação. A relação com o transcendente, a relação com o outro na sociedade e a relação cosmológica, a relação com o mundo criado. A gente tem que resgatar essa relação que ficou, com o passar dos anos, pouco enfatizada com o processo fragmentado do saber, sobretudo.

É importante que a educação ambiental comesse na criança. Tentar entender o mundo ao ser redor, ser mais sensível. Eu diria que essa é uma dimensão do mundo que nós deveríamos aprender com os gregos: unir o logos com o tato, a razão com a sensibilidade. A necessidade do mundo moderno é justamente fazer esse equilíbrio de razão e sensibilidade.

Eu vejo que nos últimos anos tem aparecido enormemente dentro da igreja essa preocupação, que não é só da nossa igreja, mas de todas as igrejas. Hoje em dia nós temos o di-



Foto: Divulgação PUC-Rio

A Semana do Meio Ambiente é uma das realizações do NIMA no campus da PUC-Rio

álogo interreligioso e estamos muito interessados em saber como as religiões podem responder aos aspectos ligados às mudanças climáticas. Isso é o diálogo religioso diante desse grande desafio que temos e que é interplanetário, da nossa casa única, que foi colocada em nossas mãos para que pudéssemos ser administradores pelo menos razoáveis. Diante da situação em que vivemos podemos ver que há realmente um desequilíbrio, talvez por acharmos que somos proprietários, donos, coisa que não somos. Proprietário e dono é o Criador. Nós somos criaturas e, como criaturas, eu costumo dizer, numa palavra simples, que somos jardineiros de Deus.

O Criador nos deu a razão, a inteligência e milhões de anos de evolução geológica de uma natureza que nos precede. João Paulo II costumava dizer isso, que a gente tem que ter a humildade de olhar para trás. Existe uma história pregressa, anterior à criação do homem. Antes disso, a história da criação já estava acontecendo. O espírito de Deus já

estava pairando sobre tudo isso e possibilitando a evolução até chegar à presença do homem e aí começa a nossa responsabilidade.

- *O senhor veria alguma relação nesse processo de degradação ambiental com o fundamento bíblico da queda do homem?*

- Alguns autores acham que nós vivemos um processo de dessubstanciação da condição humana. O ser humano vai perdendo uma dimensão de humanismo profundo. Com isso vai se perdendo não só o sentido da própria vida, mas também o sentido da sua relação com outras vidas. Outros acham que não, que nós temos que resgatar o humanismo, mas não um humanismo ensimesmado, voltado para nós mesmos. E sim um humanismo relacional, que se constrói com a relação cosmológica, com o espaço, com o mundo ao redor, ao mesmo tempo em que tem uma visão transcendente da vida.

Um dos problemas da sociedade moderna é que ela se pauta muito pelas relações transitórias. Nas rela-



ções de caráter definitivo se tem muita dificuldade. É preciso enfatizar que se tem coisas que são provisórias, mas há coisas que são definitivas. Imagina quantos seres vivos desaparecem a cada dia do planeta. Cada ser que desaparece é uma presença a menos do criador. E cada ser procura revelar o amor de Deus. Se Deus é amor, como diz São João, ele está presente em tudo e em todos. Nós temos que zelar por tudo que é vida. Não há separação de vida disso ou daquilo. E onde há vida, há o espírito de Deus.

Por isso alguns autores acham que o problema da crise ambiental é mais uma crise antropológica, uma crise do próprio homem, por não saber cuidar, por perder a dimensão de transcendência. Então temos que resgatar essa dimensão da pluralidade e da liberdade humana que já está no próprio ser humano. Abre-se uma possibilidade enorme para isso. Primeiro temos que resgatar coisas que fomos perdendo ao longo dos anos, como a visão de totalidade. Em se-

gundo lugar temos de olhar com mais carinho a dimensão da pluralidade e da nossa liberdade, pois uma sociedade como a nossa, individualista, volta-se muito para a singularidade, quando a pessoa só pensa em si, não pensa nas outras dimensões. E em terceiro eu acho que é na crise que a gente cresce.

A crise planetária é um momento de reflexão para o ser humano, que pode refazer os seus atos que muitas vezes são ecologicamente insustentáveis. Ao mesmo tempo em que temos que buscar uma nova forma de relação, que seja mais integradora e relacional, também temos que procurar dar conta desses passivos que fomos deixando ao longo do tempo no planeta e que repercute sobre nós mesmos. As palavras certas de ordem hoje são adaptação e mitigação. O novo humanismo não pode estar mais baseado na relação homem-homem. Tem que ser buscado também na relação com o transcendente e com o mundo criado. Por isso a teologia

hoje tem um papel importante, que é resgatar a teologia da criação. Acho importante formar uma reflexão sobre isso. Por outro lado, as religiões, que tem uma perspectiva transcendente, tem a obrigação de dar resposta ao problema ético: o que nós devemos fazer nesse momento? Temos que superar algumas barreiras e procurar vermos juntos o que fazer. O que cada igreja, cada credo pode fazer particularmente para resgatar essa visão e criar mudanças de hábitos que permitam ser no futuro socialmente mais justo e ecologicamente mais sustentável.

- *Como o meio acadêmico pode contribuir para esse esforço?*

- A universidade tem que continuar cumprindo o seu papel de produzir saberes, mas hoje em dia também tem que contribuir com um papel testemunhal. No nosso caso, a PUC trabalha muito nessa linha. Ao mesmo tempo em que a instituição reflete sobre essas questões a partir da perspectiva das ciências

COMO MONTAR UMA AGENDA AMBIENTAL

Responsável pela criação da Agenda Ambiental da PUC-Rio, coordenada pelo NIMA, o padre Josafá Carlos de Siqueira apresenta, a seguir, um roteiro de como montar um projeto dessa natureza. A proposta vale, segundo ele, para qualquer empresa ou instituição que queira ter a sua agenda ambiental, seguindo os passos abaixo:

PRIMEIRO PASSO:

“Agregar pessoas de diferentes áreas do conhecimento. Aqui na PUC nós fizemos isso. Chamamos pessoas da Engenharia, das áreas sociais e das áreas técnicas para poder discutir um projeto institucional. Uma agenda ambiental não pode, por exemplo, apenas ser feita por biólogos. Ela tem que ser feita por todos, até porque a questão ambiental passa por várias áreas do saber.”

SEGUNDO PASSO:

“Temos que mapear. A partir do encontro dessas pessoas de vários saberes temos que fazer o mapeamento da questões socioambientais. É preciso responder à pergunta:

qual é a problemática que a instituição tem hoje? Às vezes é o lugar que ocupa, geograficamente falando. E quais são os desafios que ela encontra lá dentro. Se ela tem um grande consumo de papel, se ela tem um problema de saneamento, se ela tem um grande consumo de energia ou de água, isso pode ser um passo.”

TERCEIRO PASSO:

“Começar a estabelecer metodologias de trabalho. Dentro das metodologias, vamos discutir as metas. Às vezes se faz a agenda ambiental dentro de um ideário e aí ela não funciona porque fica como um protocolo de boas intenções, como

às vezes se vê no governo. Tem que se ter um horizonte e ver o que é possível neste momento, o que é meta de médio prazo e de longo prazo. Aonde queremos chegar?”

QUARTO PASSO:

“Quando as ideias estiverem maduras, é preciso expressar tudo isso na forma de um documento para que fique registrado. Depois disso é preciso visibilizar, fazer uma espécie de socialização, tanto do ponto de vista interno quanto externo.”



humanas, sociais, com a dimensão da biodiversidade vista sob diferentes olhares, nós vamos construindo saberes que já não são possíveis de serem construídos somente dentro de uma área do conhecimento. A dimensão ambiental é muito transversal. Então ela tem que permear todos os saberes. A universidade tem que estar produzindo e nós temos feito isso através de livros, artigos, teses, dissertações, monografias... Esse é o papel da academia. Mas, por outro lado, a academia também tem que dar um testemunho. Daí a razão da nossa Agenda Ambiental. Ela tem uma dimensão simbólica forte porque é o testemunho que nós podemos dar. O testemunho é algo importante hoje em dia porque convence mais e ajuda mais o processo de mudança. Por isso quando criamos a Agenda Ambiental pensamos se a instituição poderia dar esse testemunho a nível local e concluímos que sim, porque todo testemunho a nível local reflete no nível global.

O slogan que aprendi há uns 30 anos de que é preciso pensar globalmente e agir localmente já não tem muito sentido atualmente. Hoje, temos que pensar e agir localmente e globalmente porque qualquer esforço a nível local tem uma reflexão no global e vice-versa. Um pequeno testemunho que dou aqui cai dentro de uma comunicação eletrônica e corre o mundo. Até mesmo do ponto de vista de uma ajuda mais imediata para o planeta, se eu planto uma espécie aqui estou ajudando a reduzir esse passivo de CO₂ que está acumulado na atmosfera. Estou dando um testemunho local que tem uma repercussão global. A Agenda Ambiental tem essa preocupação: de que forma podemos dar um testemunho concreto, competente, dentro dos saberes científicos que possa depois ser um paradigma, ser inspirador para outras instituições.

Nós trabalhamos na Agenda Ambiental com metas de curto, médio e longo prazos. Atacamos primeiro a questão da reciclagem em todos os

prédios para dar o testemunho de que é possível mudar posturas internas, reduzir custos, reduzir o consumo dentro da instituição, ajudar as pessoas a ordenar mais o seu lixo, sabendo que tem uma destinação própria. Nós vamos começar agora um projeto piloto para começar a introduzir energia solar no prédio. No campo, a PUC tem uma área verde privilegiada, então vamos monitorar. A área verde já está toda levantada, catalogada e vamos ampliar isso. Vamos incentivar mais o plantio para ir dando localmente o testemunho.

Isso já está acontecendo até mesmo no fórum maior da Igreja Católica. Alguns prédios do Vaticano já têm energia solar. Algumas áreas de estacionamento da cidade do Vaticano serão transformadas em áreas verdes. São testemunhos pequenos, mas acho que, hoje, toda instituição tem que dar um testemunho sobre de que forma ela pode estar contribuindo para a qualidade ambiental do planeta. □

NIMA ARTICULA PROJETOS DENTRO E FORA DA UNIVERSIDADE

Pioneira em projetos de educação ambiental no Brasil, a PUC-Rio criou, em 1999, o seu Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente (NIMA), órgão ligado à estrutura central da instituição, com status de um instituto, que tem um papel articulador, criando uma lógica de integração e funcionando como um facilitador ambiental. Em constante comunicação com os demais departamentos da universidade, o NIMA viabiliza projetos ambientais que ultrapassam os próprios limites acadêmicos.

Fora da universidade, o NIMA foi responsável, por exemplo, pelo desenvolvimento do Código Ambiental do Estado do Rio de Janeiro e pela criação do Laboratório de Sistemas de Informação Geográfica, responsável pela integração de da-

dos para subsidiar as discussões do Plano Diretor da Cidade do Rio de Janeiro e do Planejamento Socioambiental do Estado do Rio de Janeiro. O núcleo também organiza anualmente a Semana do Meio Ambiente da PUC-Rio.

Além dessas ações, o NIMA também auxilia órgãos públicos em momentos de crise ambiental, como a que ocorreu no início do ano na Região Serrana do Estado do Rio. Técnicos de diferentes departamentos da PUC, coordenados pelo NIMA, atuaram no município de Nova Friburgo, o mais atingido pelas chuvas. O núcleo também está ajudando os municípios fluminenses na divulgação de suas cartografias. Em colaboração com a Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro e a Petrobrás, publicou o Atlas Geográfico Escolar

de Duque de Caxias, distribuído nas escolas da rede municipal.

Para o diretor do NIMA, professor Luiz Felipe Guanaes Rego, do Departamento de Geografia, o núcleo tem um papel fundamental na conscientização dos alunos e da sociedade para um entendimento global da problemática ambiental:

- A avaliação do problema ambiental é complexa porque implica uma mudança do paradigma científico. Temos que manter os conhecimentos individualizados e ao mesmo tempo aumentar a integração entre eles para alcançarmos um conhecimento global. O NIMA tem competência para exercitar a interdisciplinaridade dentro e fora da PUC, agindo como um facilitador de projetos em benefício do meio ambiente.



NO AR



Mercedes Garcia, Cláudio Monteiro, Silvia Cardoso e José Fontes nos estúdios durante gravação da radionovela "O homem sem passado"

A radionovela

Movimento tímido, mas crescente, moderniza e traz de volta o gênero que encantou o país

JULIANA ARAÚJO

São 20 horas de uma segunda-feira e um ouvinte está em busca de notícias. De repente, ouve-se ao sintonizar o **dial** o grito de uma mulher que, desesperada, está sob a mira de um bandido. Cruel, o malfeitor avisa à vítima que irá lhe submeter a uma sessão de tortura. O ouvinte, desesperado, tenta identificar alguma pista de onde o crime está ocorrendo para chamar a polícia. Ou, quem sabe, heroicamente, ajudá-la. Coração na boca e quando já está a ponto de tomar uma atitude, entra a vinheta e em tom solene anuncia: "As desventuras de Verônica". A cena do ouvinte que se desespera é apenas ficção, mas pode se tornar realidade em breve. Sim, meus caros leitores, em pleno 2011, as radionovelas ensaiam um retorno, ainda que tímido. Algumas já alcançam respostas positivas do público.

A Rádio Nacional do Rio de Janeiro e a Rádio MEC AM voltaram a produzir e transmitir produções de radioteatro (que tem duração mais curta do que radionovela, mas segue o mesmo formato). A série "Contos no Rádio" leva ao ar obras inéditas a partir da adaptação de contos, peças de teatro e romances da literatura brasileira e universal, em programas semanais com duração de até 30 minutos. Segundo Marília Martins, diretora do Núcleo de Radiodramaturgia da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), o projeto resgata a vocação das emissoras para a criação artística na área da dramaturgia.

"O núcleo colabora para a retomada de uma tradição, desejo antigo de quem viveu, acompanhou ou conhece a história da dramaturgia no Brasil e renova o rádio com a chegada de uma jovem geração de artistas e profissionais", disse.

O radialista e funcionário mais antigo da Rádio Nacional, Gerdal dos Santos, acredita que o projeto, do qual também faz parte como radioator, traz à tona a função mais importante do rádio: educar. "O radioteatro é a melhor definição de cultura do país. É a forma mais barata e eficaz de levar educação e disseminar a cultura para toda a população do Brasil".

Além das grandes empresas de comunicação, profissionais apaixonados pelo radioteatro desenvolvem projetos que ampliam a base de fãs deste segmento. É o caso do radioator Cláudio Monteiro que reuniu mais de 40 profissionais e grava, desde 1994, radionovelas que são vendidas em CDs para emissoras no interior do país e para qualquer aficcionado pelo gênero.

"Tudo começou com um sonho de infância: queria interpretar o herói (Alex) da minha radionovela favorita 'O

O BRASIL ABRIGA UMA FLORA COM MAIS DE 40.000 ESPÉCIES VEGETAIS RECONHECIDAS





Gerdal dos Santos, funcionário mais antigo ainda em ação na Rádio Nacional, afirma que a radionovela traduz o cotidiano do brasileiro

homem sem passado', de Raimundo Lopes. Em 92 adquiri os direitos dessa atração e pude finalmente realizar esse desejo", revelou.

Para Cláudio o investimento nesse segmento ainda vale a pena por dois motivos. Primeiro, as pessoas estariam cansadas dos padrões de programação populares – música, notícia e esporte – e carentes de novas formas de entretenimento no rádio. Segundo, as radionovelas ainda seduzem os ouvintes por permitirem a eles que completem as lacunas visuais da forma que a imaginação de cada um preferir.

Partituras e gravações em discos de acetato são relíquias da Rádio Nacional preservadas no Museu da Imagem e Som



Foto: Juliana Araújo

“Voz e ruídos juntos transmitem toda a emoção da cena. Se descrevo a mulher mais linda do mundo, cada um irá idealizá-la do seu jeito. A TV não permite essa liberdade ao espectador”, acrescentou Gerdal.

A essência da radionovela foi mantida, ou seja, a palavra e os ruídos, mas com o objetivo de cativar um público mais jovem, os textos foram adequados para a linguagem e realidade contemporânea. “Em um dos scripts dizia: ela vai casar e a empresa está procurando uma nova estenógrafa, como se alguém hoje em dia tivesse alguma ideia do que isso significa”, exemplificou Cláudio. No entanto, a contextualização não impediu que clássicos da literatura brasileira também fossem encenados. No programa “Contos do Rádio”, a série inicial apresentou “O homem que sabia javanês”, de Lima Barreto, além de textos de Machado de Assis, Raul Pompéia e João do Rio.

O perfil dos profissionais do rádio também mudou. Na época áurea da programação radiofônica, os artistas não tinham uma formação específica para atuar na área.

Passado o período de ostracismo e com o renascimento do radioteatro, os profissionais procuraram se adequar às técnicas do rádio.

“Foram 30 anos sem produções para o radioteatro. Quando retomamos a atividade na EBC nós tivemos que investir na formação profissional. Os radioatores e atrizes têm que transmitir todas as emoções apenas com a voz, portanto a técnica é bem diferente da utilizada na tv”, ressaltou Marília Martins.

O contra-regra saiu de cena junto com todas as parafernalhas que reproduziam os ruídos e cedeu lugar ao sonoplasta. Esse “artista” recorre ao mundo digital para pesquisar os ruídos que precisa e criar a atmosfera perfeita para a imaginação do ouvinte. Cabe a ele escolher e mixar todo o material no computador.

No Japão, as radionovelas invadiram um dos principais produtos culturais de exportação do país: os animes. Os CD Drama são narrações dramatizadas de animações japonesas e jogos de RPG. Em 2004, uma novela de rádio trouxe





Nova geração: grupo de radiodramaturgia da EBC dão vida aos personagens do programa "Contos no Rádio"

diversão e distração ao Haiti, quando o país ainda tentava se recuperar de uma revolta que deixou 2.700 pessoas mortas e desaparecidas. A população se reunia para ouvir o seriado **V.I.P.** e acompanhar os dramas que atormentavam um grupo de jovens ricos. As histórias agradavam à classe média, mas também à maioria pobre da população.

Segundo Round - Primeiro a grande ameaça foi a popularização da TV. O rádio balançou, mas não caiu. Enfrentou um período de declínio e desinteresse, mas conseguiu se reinventar e voltou a ocupar lugar de destaque na rotina dos brasileiros. Agora as especulações de um possível fim do veículo apontam para um novo inimigo: a internet.

A despeito dos aficionados por notícias apocalípticas, sentimos informar que o rádio recebeu um novo fôlego com a rede mundial de computadores e as tecnologias portáteis, ao menos é o que afirma Gerdal dos Santos. "A rádio cresce com ciência e tecnologia. Hoje, o aparelho de rádio está em todos os lugares, nos celulares, nos carros e, é claro, nas casas, por esse motivo o número de ouvintes vem crescendo".

Marília Martins mantém uma página na rede social Facebook para



Gerdal dos Santos no estúdio de radioteatro da Rádio Nacional. A casa ao fundo reúne todos os aparatos necessários para a reprodução de diversos sons

interagir diretamente com os fãs do "Contos no Rádio". "Através das redes sociais, o ouvinte se tornou mais participativo. Assim é possível ter um *feedback* quase que instantâneo do nosso trabalho", explicou.

As novas mídias deram uma cara multimídia ao formato. Além de escutar, também é possível "interagir" com os personagens, caso da radionovela "Verdades Inventadas", produzida por alunos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), onde os ouvintes podem interagir através do blog (<http://viagensdalaura.wordpress.com>) e twitter

(@Lauracientista) da personagem principal. Se há 40 anos os personagens ganhavam vida apenas na transmissão radiofônica, hoje Twitter, blogs e redes sociais dão um tom de realidade as histórias.

Todos os exemplos citados na matéria disponibilizam em seus respectivos sites podcasts dos programas veiculados. O usuário pode fazer o download do arquivo e escutar no seu computador ou outro aparelho de sua preferência as atrações na íntegra. Não há limites para o alcance do rádio. □



Anos dourados do rádio brasileiro

Entre as décadas de 40 e 50, o rádio era o meio de difusão mais popular entre todas as classes sociais do país. A programação da Rádio Nacional, principal emissora do país no período, se apoiava em quatro núcleos: música, jornalismo, programas de variedades e dramaturgia.

Antes do apogeu das radionovelas, o radioteatro já era usado como um recurso por informativos e programas científicos. A escolha pela encenação das falas subtraía o caráter denso de algumas notícias e temas apresentados. Em 1937 é inaugurado o “Teatro em Casa” para a transmissão de peças completas semanalmente. Mas foi em 1941 que a dramaturgia, definitivamente, conseguiu cativar os ouvintes.

“Em busca da felicidade” provou que os brasileiros gostam de narrativas mais extensas, tanto que a trama adaptada de um original cubano de Leandro Blanco se manteve por dois anos no ar. Essa novela foi a primeira a ser seriada e transmitida pela manhã. “Eu não esperava tamanho sucesso devido ao horário. Supõe-se que pela manhã as donas-de-casa estão muito ocupadas e logo não dariam atenção ao programa, porém a atração conseguiu mesmo assim cativá-las”, contou Gerdal.

A princípio o público-alvo era o feminino, mas em pouco tempo as radionovelas conquistaram a população brasileira. “A linguagem era simples e os temas eram extremamente sentimentais e moralistas. As novelas entravam no cotidiano das pessoas, despertando sentimentos diversos e provocando debates e manifestações extremadas por parte dos ouvintes”, contou Rachel Valença, pesquisadora e vice-presidente do Museu da Imagem e do Som (MIS).

Foto: Divulgação



Os anos 40 e 50 marcaram o auge da radionovela

Os programas de radioteatro transformaram-se na mania nacional da época, sendo os preferidos dentre as programações de rádio. Até 1956 seriam apresentadas 861 novelas, com 23.513 capítulos (Fonte: MIS)

“O direito de nascer” se configurou no melhor exemplo dessa situação. A novela foi ao ar pela Rádio Nacional em 1951 e contrariou os críticos que afirmavam que o radioteatro era um gênero em decadência. A adaptação do folhetim cubano de Felix Cagnet possuía 314 capítulos, cerca de três anos de irradiação. Nos últimos capítulos, o comércio fechava mais cedo, os jogos de futebol tinham seus horários alterados e os cinemas começavam suas sessões após a transmissão da novela.

No entanto, a TV, que transmitia sons e imagens, tornou-se o foco dos investidores. A Rádio Nacional reformulou a programação, cortou custos, mas não conseguiu picos de audiência como antes. Junto com os ouvintes se foram os patrocinadores e, em 1964, o golpe militar foi o tiro de misericórdia na estrutura fragilizada da emissora. “Os interventores

do governo estavam mais preocupados em perseguir do que em conduzir a rádio”, contou Rachel. Ao todo 66 funcionários foram demitidos.

Memórias e registros - A era de ouro do rádio brasileiro passou, mas deixou suas marcas e registros que podem ser consultados de segunda à sexta, das 11 às 17 horas, no Museu da Imagem e do Som. Em 1972, o museu recebeu a doação de grande parte do acervo da Rádio Nacional, o restante dos arquivos segue na sede da emissora, na Praça Mauá. Ao total foram entregues para restauração e catalogação 38.731 discos - com gravações de comerciais, programas radiofônicos, efeitos sonoros, etc. -, 28.500 partituras e 1.302 scripts.

As peças mais raras são os discos de acetato que guardam raridades como 15 minutos de gravação da novela “O direito de nascer”. Dada a fragilidade do material, o museu começou um processo de digitalização do acervo. Atualmente está em fase de implantação um acordo de cooperação entre as duas instituições para intercâmbio das cópias a fim de facilitar a pesquisa deste período. □



"O direito é coisa
de toda hora
na vida de
todo mundo.
Começa agora
Justiça em Cena,
a radionovela
da Rádio Justiça."



Vinheta do programa Justiça em Cena, onde radionovelas simplificam a legislação brasileira para a compreensão do cidadão comum

Radionovela é usada para combater o trabalho escravo no interior do país

As radionovelas não são puramente um programa de entretenimento. Em muitos casos o formato é utilizado para disseminar campanhas educacionais e informativas em locais onde a distância física e a realidade social não permitem que a tv seja o principal meio de informação.

Tendo em vista o poder de penetração do rádio nas comunidades rurais do interior do país, a Ong Repórter Brasil, em parceria com a Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, produziu "Escravos, nem pensar", radionovela que em cinco capítulos retrata a história de uma família do semi-árido nordestino. A partir da narrativa central, a peça abre espaço para a discussão de problemas e situações do dia-a-dia dos trabalhadores, entre elas o trabalho escravo, a luta pela terra e o trabalho infantil. A defesa de outros direitos básicos, como a obtenção do registro de nascimento, também é abordada.

A Rádio Justiça de Brasília viu na radio-



novela a chance de se fazer entender os direitos e deveres do cidadão brasileiro. A receptividade dos ouvintes foi tamanha que, em 2008, a atração "Justiça em Cena" passou a ser exibida semanalmente. As novelas são divididas em cinco capítulos que variam entre 5 e 8 minutos. As tramas remetem a questões jurídicas que interferem no dia-a-dia do cidadão. "Bola Fora" abordou a Lei Maria da Penha e os Juizados de Conciliação, "Reunião de Família" enfocou a reinserção de ex-presidiários na sociedade, "Lar, doce lar" discutiu a Nova Lei do Inquilinato.

Em São Carlos, interior de SP, alunos do Laboratório Aberto de Interatividade da UFSCAR encontraram um jeito divertido de aliar a radiodramaturgia às novas mídias e ainda estimular adolescentes a gostarem de ciências. A radionovela "Verdades Inventadas", transmitida pela rádio local (95,3 FM), trazia a história de Laura, uma adolescente do Ensino Médio, que entra em um universo imaginário com diversos cientistas.



No ar: "As desventuras de Verônica"

Capítulo: Choque

Texto: Camilo Pellegrini

Personagens: Verônica - a enfermeira; Urso - o torturador; e Catarrento - o assistente.

VERÔNICA está com seu uniforme de enfermeira amarrada a uma cadeira e vendada. **URSO** prepara alguns fios desencapados. **CATARRENTO** o ajuda no que for necessário.

URSO- Você já tomou um choque no olho?

VERÔNICA- Pelo amor de Deus.

URSO- Não ouvi.

VERÔNICA- Juro que não sei de nada.

URSO- Será que eu vou ter que te bater? A pergunta é... quer que eu repita a pergunta?

CATARRENTO- Ele perguntou do olho, se já levou um choque no...

URSO- Catarrento?! Quer fazer você?! Quer dar os choques você?!

CATARRENTO- Me desculpa, seu Urso.

URSO- Catarrento?!

CATARRENTO- O que foi? Estou quieto aqui!

URSO- Seu nariz está escorrendo.

CATARRENTO- Perdão. Perdão. (LIMPA)

URSO- Está vendo, Verônica, que nojento que ele é?

VERÔNICA- Não.

URSO- E choque no olho, já tomou?!

VERÔNICA- Nunca.

CATARRENTO- E nas orelhas?!

URSO- Não atropela, Catarrento, assim você estraga a surpresa.

CATARRENTO- Perdão. Perdão.

URSO- Quer fazer você? Toma aqui os fios. Eu não me importo.

CATARRENTO- Não quero.

URSO- É bom mesmo. Se não for do meu jeito, ninguém toma choque aqui,

nem no olho, nem na orelha. Pego minhas coisas e caio fora do barco na maior.

CATARRENTO- O senhor não abandonaria o barco, senhor Urso.

URSO- Na maior! E ainda dou tchauzinho!

VERÔNICA- Por favor... Por favor...

CATARRENTO- O que ela está fazendo?

URSO- Por favor o quê, Verônica?

VERÔNICA- Eu não escondi arma nenhuma. Nunca fui espiã de nenhum lugar. Você acredita mesmo que eu fiz treinamento ninja? Por favor! Olha o meu estado! Não sei quem inventou isso.

URSO- Algum inimigo teu. Você tem inimigos, Verônica?

CATARRENTO- Agora tem.

URSO- Catarrento, você está sujando o uniforme da moça. Toma um lenço.

CATARRENTO- Perdão. Perdão.

VERÔNICA- Vocês pegaram a pessoa errada. Não fui eu. Juro por tudo.

URSO- Não adianta jurar, menina. A gente descobriu muita coisa sobre você.

CATARRENTO- Até mesmo a sua música preferida.

CATARRENTO coloca uma música da Marisa Monte num som portátil.

URSO- Olha que voz de veludo, que carisma.

CATARRENTO- Eu gosto dela também.

URSO- Não é gostosinha a voz? A melodia?

VERÔNICA- Marisa... Monte?

CATARRENTO- (CANTA) Segue o seco sem sacar que o destino é seco, sem sacar que o espinho é seco sem sacar que seco é o ser só...

VERÔNICA- É a minha preferida... Como vocês..?

URSO dá um choque nas orelhas de **VERÔNICA** que se debate, a luz falha, a música para.

URSO- O que foi? Por que a música parou?

CATARRENTO- Foi o choque elétrico. Fez o som pular.

VERÔNICA- Por favor. Tenham piedade...

URSO- Bota a música aí de novo, pangaré!

CATARRENTO- Um segundo só. Pronto.

CATARRENTO coloca a música.

CATARRENTO- (CANTA) Dentro dessa geladeira, dentro da despensa e do fogão...

URSO dá outro choque em **VERÔNICA**. Luzes piscam. Música para de novo.

URSO- A Marisa parou de novo. Bota ela pra cantar, Catarrento.

CATARRENTO- Foi mal, chefia. Aperfei o play, espera aí...

Quando a música recomeça, **VERÔNICA**, que estava com a perna livre, dá um chute em **CATARRENTO**. **URSO** vai socá-la, mas **VERÔNICA** se desvia, fica em pé ainda amarrada à cadeira e dá com a cadeira em **URSO**. **ELA** consegue se livrar das cordas mas não tira a venda, dá uma surra em **CATARRENTO** e em **URSO** finalizando ao enfiar os fios elétricos nos olhos de **URSO**. Só quando os **DOIS** estão caídos no chão, ela tira a venda. Respira aliviada, olha a capa do CD.

VERÔNICA- Olha só. Esse da Marisa eu não tenho.

VERÔNICA coloca o CD na caixa e foge dali levando o CD consigo.

Sites onde pode se ouvir o melhor da radionovela moderna

Contos no Rádio - radiomec.com.br/contosnoradio/

Radionovela Verdades Inventadas - viagensdalaura.wordpress.com

Radionovela Escravos nem Pensar - www.reporterbrasil.com.br/conteudo.php?id=110

Programa Justiça em Cena - www.radiojustica.jus.br/programacao



O ÍNDICE DE RECICLAGEM DE PNEUS NO BRASIL FOI DE 73%, EM 2010

Inovação se alia à preservação para incentivar a leitura



A reforma deu novos ares à Praça da República e à Biblioteca Pública de Niterói

Fotos: Ricardo Chau

No mesmo molde da premiada Biblioteca Parque de Manguinhos, a Biblioteca Pública de Niterói disponibiliza, além de livros, DVDs e músicas digitalizadas

THIAGO DA MATA

A crônica do cotidiano de estudantes e frequentadores de bibliotecas públicas vem sendo reescrita com toques de carinho e de tecnologia no Centro de Niterói. Localizada na Praça da República, um dos marcos arquitetônicos da região central da cidade, idealizado em 1913, a Biblioteca Pública de Niterói, agora chamada de BPN, faz parte do projeto de construção do largo composto por um conjunto de prédios no centro cívico niteroiense. Fechada desde 2008, a biblioteca passou por uma ampla reforma e reabriu no dia 5 de julho deste ano, oferecendo, além da consulta aos livros, a disposição de músicas e filmes para adultos e crianças.

Uma preciosidade arquitetônica do estado, tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac) na década de 80, a construção com cerca de 1.500 metros quadrados tem estilo eclético com inspiração neoclássica. E foi projetada pelo arquiteto italiano, radicado em Niterói, Pietro Campofiorito, discípulo de Zefirino da Costa, a quem ajudou na decoração da Igreja da Candelária, no Centro do Rio. Depois de uma reforma cuidadosa, que recuperou piso, fachada e luminárias, a ideia é que o espaço tenha, além dos livros como entretenimento, outras formas de diversão atrelada ao desenvolvimento educativo. Numa sala dedicada ao audiovisual, dá para ouvir cerca de mil músicas digitalizadas e assistir a diversos filmes.

Numa época em que aparelhos tecnológicos dominam a vida das pessoas, as bibliotecas, consideradas antigos oráculos de pesquisas, vêm perdendo espaço para as facilidades proporcionadas pela consulta na internet. Apesar da praticidade, muitos sites propagam informa-



Os pequenos leitores entram em contato com livros de pano e

EM 2009, O BRASIL ALCANÇOU O SEGUNDO LUGAR NA RECICLAGEM DO PET (55,6%)





Com espaços amplos, claros e aconchegantes, as salas da biblioteca tornaram-se o melhor refúgio da leitura niteroiense

ções pouco confiáveis e até mesmo bobagens escritas por quem não conhece nada sobre assuntos intermináveis. E para garantir o direito à informação e à memória da sociedade, as velhas bibliotecas voltam ao centro das atenções reformulando sua função social e



brinquedos que estimulam a leitura

garantindo acervos que vão muito além de letras escritas sobre o papel.

“A biblioteca foi transformada num espaço de livre acesso à informação, modelo similar ao da Biblioteca Parque de Manguinhos, sua prima-irmã, também vinculada à Secretaria de Estado de Cultura. Tanto em Manguinhos quanto em Niterói o espaço foi pensado para ampliar o acesso à leitura, em sintonia com a mudança de paradigmas destes tempos digitais”, destaca a diretora da Biblioteca Pública de Niterói, Maria da Glória Blauth.

Acervo - O acervo da BPN conta com cerca de 60 mil itens, incluindo livros, jornais, revistas, enciclopédias, biografias, DVDs, músicas digitalizadas, além de livros e equipamentos em braille, que aumenta ainda mais o acesso da população. Também à disposição do público, uma coleção de obras



Estudantes aprendem a buscar informações em livros e agora também na internet

raras voltada para a história e a cultura do estado do Rio de Janeiro passa por uma cuidadosa restauração e digitalização, para que a memória fluminense não se perca com o tempo.

Pensando não só na preservação das obras, mas também na propagação do que elas guardam de mais importante, hoje o prédio tem uma sala inteira dedicada à história fluminense, onde podem ser encontrados documentos dos séculos [XVI, XVII e XVIII. Entre eles, um livro



ELIMINE OS VAZAMENTOS. UM BURACO DE 2 MM DESPERDIÇA ATÉ 96.000 LITROS DE ÁGUA EM UM MÊS



Sala audiovisual disponibiliza cerca de mil músicas digitalizadas e DVDs

com anotações feitas de próprio punho por Dom Pedro I.

Com novo mobiliário e salas apropriadas para exposições, exibições individuais de filmes, além de saraus de poesia, reuniões, lançamentos de livros e outros eventos realizados na sala multiuso, a BPN ainda abriga, desde a sua construção, uma importante fonte histórica: a sede da Academia Fluminense de Letras. E o amplo auditório compartilhado com a AFL, possibilita agora a apresentação de peças teatrais, performances de música e leituras dramatizadas.

Joia arquitetônica - A reforma estrutural trouxe à luz detalhes arquitetônicos originais que estavam ocultos, como o piso em ladrilho hidráulico, que havia sido substituído por marmorite, em obras do passado. A implantação de um elevador para a locomoção de idosos e cadeirantes possibilita que todos tenham acesso às dependências em qualquer piso do imóvel. E um destaque importante é que a estrutura está totalmente integrada ao ambiente, já que foi doado à biblioteca, por um bureau digital niteroiense, um



Placa folheada a ouro, presente no rol de entrada, foi restaurada pela artista plástica Josi Moraes

painel que remonta a imagem da Praça da República em outros tempos.

Maria da Glória Blauth orgulha-se ao falar também da placa de madeira folheada à ouro no rol de entrada. Entre as escadarias, a placa entalhada, há mais de meio século, com brasão do estado e a história da fundação do lugar, teve a restauração doada por uma artista plástica niteroiense. "Antes da restauração, não dava para ler nada. As letras estavam caídas e a águia estava quebrada. E não tinha essa cor linda", lembra Maria da Glória, mostrando que a placa assinada por J. P. Neves trás a grafia antiga do nome da cidade: Nichteroy. A administradora conta que foi procurada pela especialista em



restauração de artes sacras Josi Moraes, professora da universidade carioca Santa Úrsula, com uma proposta irrecusável. “Não tem orçamento, é um presente que eu quero dar para a biblioteca”, disse a restauradora.

Outro cantinho especial para a biblioteconomista é o espaço infantil. Uma sala ampla com brinquedoteca, livros de pano, cadeirinhas e computadores para os pequenos leitores e um profissional totalmente dedicado à recreação e ao cuidado com crianças. O setor infantil dá acesso ao Jardim da Leitura. As crianças participam de eventos ao ar livre com toda segurança, já que o ambiente tem agora um cercado que protege os

visitantes e o patrimônio e um circuito de vigilância monitorado por câmeras.

Mesmo construída entre duas importantes vias da cidade, o som de buzinas e de motores é completamente inaudível dentro das salas de leitura da BPN. O segredo é a instalação de janelas

e vidros com isolamento acústico de primeira linha.

Todo o planejamento contempla o uso das tecnologias de informação e comunicação, um dos mais importantes e decisivos fatores para o êxito do projeto de modernização institucional. □

SERVIÇO

Endereço

Praça da República, s/nº, Centro-Niterói

Horários

De terça a sexta – das 10h às 20h
Sábados e domingos – das 10h às 16h

Contatos

Telefone: (21) 3601 1956

Email: faleconosco@bibliotecaniteroi.rj.gov.br

Com a modernização, os espaços para leitura ganharam maior prioridade



LIVROS, ATIVIDADES, MÚSICA E MUITO MAIS

- Acervo de 60 mil itens: livros, jornais, revistas, enciclopédias, biografias, DVDs, músicas digitalizadas;
- Livros e equipamentos em Braille;
- Coleção de obras raras voltada para a história e cultura do Estado do Rio de Janeiro;
- Sala dedicada à história fluminense com documentos dos séculos XVI, XVII e XVIII.
- Espaço infantil com brinquedoteca, livros de pano, cadeirinhas e computadores para os pequenos leitores
- Profissional totalmente dedicado à recreação e ao cuidado com crianças;
- Sala audiovisual com cerca de mil músicas digitalizadas e DVDs de filmes;
- Jardim da Leitura com eventos ao ar livre;
- Sede da Academia Fluminense de Letras;
- Amplo auditório que possibilita apresentação de peças teatrais, performances de música e leituras dramatizadas.



DEIXAR A TORNEIRA ABERTA ENQUANTO SE ESCOVA OS DENTES GASTA, 6,5 LITROS DE ÁGUA POR MINUTO

JOSUÉ, o amigo de JK



Foto: Divulgação ABL

UMA DUCHA GASTA EM MÉDIA 160 LITROS DE ÁGUA EM 10 MINUTOS. EVITE O DESPERDÍCIO



Os temores do acadêmico Josué Montello não se confirmaram. Na última visita que fez à Casa de Machado de Assis, sentado na clássica poltrona do salão nobre, chamou-me para perto e disse uma frase que jamais saiu do meu pensamento: “Arnaldo, você é como meu filho. Não deixe que eu seja esquecido.”

Josué foi um dos nossos mais férteis autores, com livros de grande repercussão, como é o caso do seu famoso “Os tambores de São Luís”.

Uma particularidade pouco explorada na saga de Josué Montello: foi autor também de preciosas obras infantis, primeiro na coleção “O Tico-Tico”, depois em trabalhos avulsos, como o que editamos sob o título “A formiguinha que queria ser bailarina”. Um sucesso, em todos os sentidos.

Falecido aos 88 anos de idade, Montello foi uma das mais prodigiosas memórias entre os nossos imortais. Lembrava de datas, fatos e biografias como ninguém. Nas sessões da ABL, sempre tinha uma palavra de lembrança carinhosa dos acadêmicos.

Tivemos cerca de 50 anos de convívio, incluídos os tempos gloriosos da revista Manchete. Josué era uma visita semanal, sempre bem-vinda, com sugestões de reportagens que eram normalmente acolhidas pela direção.

Josué Montello conseguiu o milagre de aliar a sua inequívoca vocação literária com uma série de belas incursões na vida pública, acumulando bons serviços a Juscelino Kubitschek na Presidência da República, na direção da Biblioteca Nacional e na Embaixada do Brasil na Unesco, em Paris.

Na Academia Brasileira de Letras desde 1954, sucedeu Austregésilo de Athayde, na presidência, realizando uma obra fundamental de restauração da Casa de Machado de Assis. Entrou, na ABL, eleito para a cadeira nº 29, na sucessão de Cláudio de Sousa. Foi recebido por um querido amigo, Viriato Correia.

“

Uma particularidade pouco explorada na saga de Josué Montello: foi autor também de preciosas obras infantis, primeiro na coleção “O Tico-Tico”, depois em trabalhos avulsos.

”

Casou cedo, teve duas filhas. Yvonne, a esposa, foi a sua grande e definitiva musa inspiradora, companheira e colaboradora eficaz, pois vezes sem conta datilografou os seus originais.

Acordava antes da 4h e começava a trabalhar, cultivando o hábito de responder às suas centenas de fãs. Devia ter o maior fã-clubê literário do país. Vaidoso, sentiu uma sensação de plenitude quando recebeu a notícia de que o seu clássico “Os Tambores de São Luís” foi considerado pela Unesco como um dos patrimônios culturais da humanidade.

Josué nasceu em São Luís, no dia 21 de agosto de 1917, mas viveu no Rio desde 1936. Sempre manteve rigorosa fidelidade às suas origens. Escreveu com o sabor natural dos locais e dos sons da sua infância e juventude, daí o interesse universal das suas obras.

O seu primeiro romance é de 1941: “Janelas Fechadas”. A convite de Rodolfo Garcia, planejou a reforma da Biblioteca Nacional, que veio a dirigir em 1947. Em 1953, deu aulas na Universidade Nacional Mayor de San Marcos, em Lima, Peru. Lá foi professor de Vargas Llosa. Colaborou no “Jornal do Brasil” de 1954 a 1990. De 1969 a 1970, foi conselheiro cultural da Embaixada do Brasil em Paris, cidade onde voltou, de 1985 a 1989, para ser embaixador do Brasil junto à Unesco.

Tinha uma forma peculiar de desforra: os seus “Diários” (Manhã, Tarde, Noite e Entardecer). Se alguém o feria, dava a resposta com um verbete crítico num dos livros de memória. “Assim me garanto na eternidade”, costumava dizer.

Numa visita à Universidade de Estocolmo, senti natural curiosidade. Queria saber quais eram os autores brasileiros mais lidos pelos estudantes suecos. Entre os poucos preferidos, Josué Montello figurava com brilho, em virtude do seu consagrado “Os Tambores de São Luís”, romance que retrata uma dinastia de negros, todos com o nome de Damião, ao longo de três séculos da movimentada história maranhense. □

ARNALDO NISKIER

Doutor em Educação, membro da Academia Brasileira de Letras e presidente do CIEE/RJ





Histórias, conhecimento e cidadania ao acesso de todos

PROJETO OFERECE LIVROS NOVOS A PARTIR DE R\$ 2

PRISCILLA DAUMAS

Era uma vez um objeto capaz de nos levar a outras épocas. Graças a ele, acreditamos em coisas que nunca vimos, sentimos ou tocamos. Ele abrigava o mundo e outros lugares fantásticos, seus habitantes eram gente como nós e até diferentes seres. Não era uma moderna invenção científica, mas frágil, às vezes, até rasgava e molhava. Mas ainda hoje, com cerca de 6 mil anos, é o responsável por viagens inimagináveis e, sobretudo, pela

esperança de um futuro melhor. Uma constatação dessa crença é que um em cada três brasileiros conhece uma história de sucesso em que os livros tiveram papel fundamental, diz a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro. Outra conclusão importante do estudo mostra que a primeira motivação do brasileiro quando escolhe onde comprar livros é o preço mais barato, apontado por 19% dos entrevistados. Ciente da importância da leitura no desenvolvimento social

e consciente da realidade econômica da maioria, o governo do Estado do Rio em parceria com a Imprensa Oficial do Estado criou o Mais Leitura. Projeto que vende livros novos, de diversos gêneros, a preços populares em unidades do Rio Poupa Tempo em São Gonçalo, São João de Meriti e Bangu. De julho a novembro, a primeira unidade do Mais Leitura vendeu cerca de 26 mil livros com preços que variam entre R\$ 2,00, R\$ 3,00 e R\$ 5,00.

A copeira Rutiléia Muniz Almeida procurou os serviços do Rio Poupa Tempo São

A variedade de títulos e os baixos preços atraem novos leitores

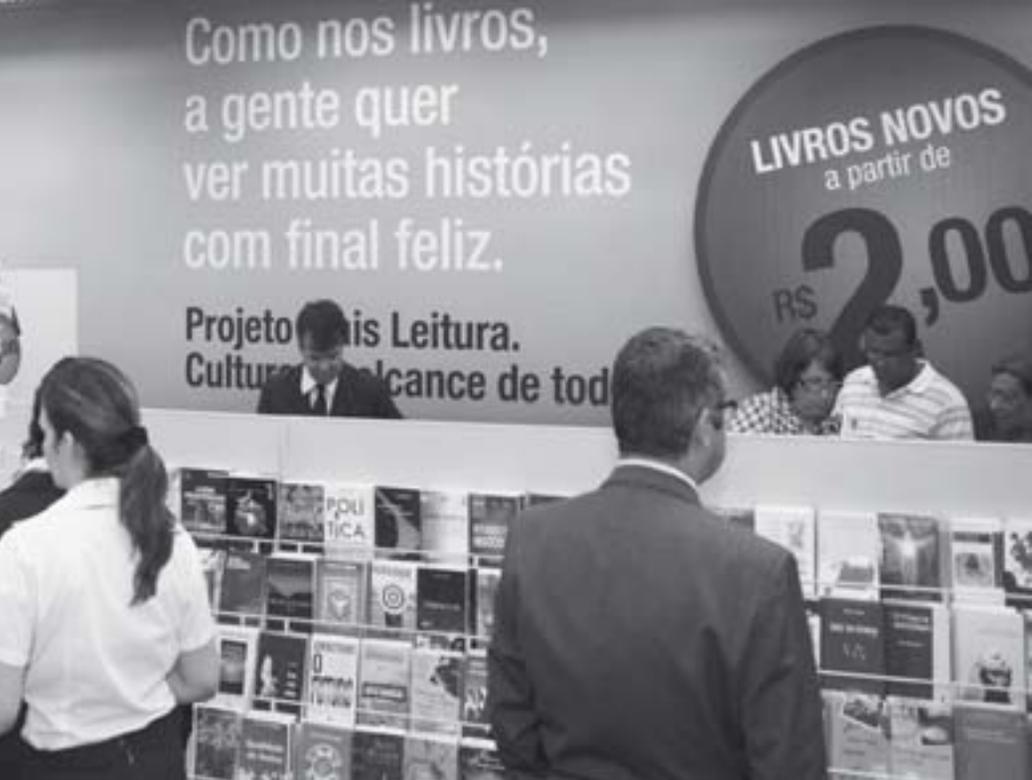


Gonçalo e se surpreendeu com o espaço onde são vendidos livros de variados títulos por preços que não ultrapassam a marca de R\$ 4. Era a oportunidade de presentear os sobrinhos. “A Maria Eduarda que tem 5 anos, mas já sabe ler, vai adorar. Temos que incentivar os pequenos a ler desde cedo. A leitura traz novas idéias e mais perspectiva de vida”, disse.

“Nem todo mundo pode comprar livros de trinta, quarenta reais. Esta é uma grande iniciativa”, destacou a estudante Paula Caroline Narciso Lemos, de 16 anos, que adquiriu os livros **O Diário da Educação** e **O Novo Diário da Educação**, ambos de Arnaldo Niskier.

Além dos preços, a variedade de títulos e gêneros é um dos grandes atrativos das unidades. “Encontrei romances policiais, gênero que adoro. Estou levando *Déjà Morta*, de Kathy Reichs, e vou estar aqui sempre. Como sou viciada em livros me sinto em casa no Mais Leitura”, diz Cristiane Guimarães, dona-de-casa que conheceu o projeto quando foi ao Rio Poupa Tempo tirar documentos. A renovada oferta de títulos só é possível graças a parcerias formadas com as editoras, que também conta com o apoio do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel).





O projeto mais leitura está presente nas unidades do Rio Poupa Tempo de São Gonçalo, Bangu e São João de Meriti

“Toda ação que tenha por objetivo fomentar o hábito da leitura é sempre bem-vinda. Cabe a nós estimular a adesão de nossos afiliados que se beneficiam com o projeto à medida que promovem o ingresso de novos leitores no mercado bem como a difusão de sua marca, que fica associada a uma iniciativa positiva”, ressalta a presidente do Snel, Sônia Machado Jardim.

“O Mais Leitura é um sucesso em São Gonçalo, onde vendemos em média 200 livros por dia. Em São João de Meriti, a expectativa é que alcancemos a marca de 600 livros diariamente. Temos certeza de que o projeto também será nas duas novas agências. Levamos à população estímulo à leitura, oferecendo publicações que poderiam custar R\$40 ou R\$60 por R\$2”, destacou o diretor-presidente da Imprensa Oficial, Haroldo Zager.

Mais de 40 editoras apoiam o projeto e abastecem as estantes com títulos de grandes clássicos da literatura, romances policiais, literatura nacional, estrangeira, economia, história, biografias, autoajuda, infantis, entre outros. Participam editoras de grande porte como Record, Elsevier/Campus, Ediouro, Objetiva, Rocco, Globo e pequenas, que acreditam na importância de iniciativas que promovam a leitura, na conquista de novos leitores e na consolidação da marca junto à população.

Além de usuários entusiasmados com a oportunidade de adquirir livros novos com preços em conta, em pouco tempo, o projeto já ganhou consumidores fiéis. Simone Francione trabalha no shopping onde está localizado o Rio Poupa Tempo São Gonçalo e aproveita o horário de almoço para visitar a unidade do Mais Leitura.

“Estou lendo coisas que são novidades para mim. Já trouxe minhas colegas de trabalho e minha mãe está ansiosa para vir aqui conhecer”, conta Francione. □

Após descobrir o Mais Leitura, Simone Francione aproveita o tempo livre do almoço para comprar novos livros

Fotos: Ricardo Chau



SERVIÇO: RIO POUPA TEMPO

São Gonçalo - Avenida São Gonçalo, nº 100 (São Gonçalo Shopping), 3º Piso, Boa Vista.
 São João de Meriti - Rio Estrada Municipal de São João de Meriti, nº 111 (Shopping Grande Rio, 1º Pavimento/ Prédio Deck Parking).
 Bangu - Rua Fonseca, nº 240 (Bangu Shopping), 2º piso.

Total de livros vendidos por editoras

1º	Record		7384
2º	Elsevier Campus		2384
3º	Rocco		2569
4º	Consultor		2122
5º	Objetiva		1887
6º	Mauad		1078
7º	Ediouro		1087
8º	Harlequin		942
9º	Globo		844
10º	Melhoramentos		689
Total			26.191*

*até o dia 30/11



SEPARE CORRETAMENTE O LIXO PARA RECICLAGEM | SOLANDO O LIXO SECO DO MOLHADO

Terra de Arariboia: um front do rock

Exposição e livro contam a história do rock underground em Niterói e confirmam potencial da cidade para revelar novos artistas



Livro de Pedro de Luna revela a força do rock niteroiense

Cenas de um rock independente, pulsante, resistente e com selo *made in* Niterói surpreendem quem conhece o movimento underground da cidade. Um pouco dessa história é contada na exposição Arariboia Rock: 20 anos de músicas e boas histórias, na Sala de Cultura Leila Diniz, espaço cultural da Nova Imprensa Oficial, encerrada em 27 de dezembro. A mostra traz peças raras, como capas de fitas demo, fotografias, cartazes, flyers, fanzines e credenciais de festivais independentes. Artistas que hoje fazem sucesso na mídia já atravessaram muito a ponte para conquistar o público niteroiense.

Imagens de uma Pitty bem novinha, se apresentando em Niterói, em 96, e do ex-vocalista do Planet Hemp, Marcelo D2 – ainda exibindo longos dreads, botando a galera do Bedrock para dançar, em 97, estão presentes na mostra. No mesmo palco, se apresentaram bandas como Raimundos, Charlie Brown Júnior e Pavilhão 9. São vestígios do caso de amor da cidade com o rock'n roll.

Autor do livro “Niterói Rock Underground” (1990-2010), Pedro de Luna também é o detentor do acervo e conta que o movimento alcançou o auge na década de 90, com eventos promovidos pela cidade inteira e bandas ávidas por mostrar o seu som. Um movimento forte, inspirado no Mangue Beat – que projetou o rock pernambucano para o Brasil inteiro.

Sede da lendária Rádio Fluminense FM – responsável pelo lançamento de boa parte das bandas do rock Brasil –, Niterói manteve essa intrínseca relação mesmo após o fim da rádio. Pedro de Luna conta, em seu livro, que a abertura de mercado promovida pelo então presidente Fernando Collor de Melo permitiu o acesso a instrumentos e equipamentos importados. A chance de muito menino de comprar a sonhada guitarra começava a se tornar realidade.

No mesmo ano, a MTV chegava ao Brasil hipnotizando gerações inteiras de jovens e adolescentes com uma programação totalmente dedicada à música. No ano seguinte, o Rock in Rio fez com que aumentasse a mídia especializada.

A década de 90, no entanto, também ficou consagrada por modismos

no mercado fonográfico de ritmos de gosto duvidoso (e oposto ao rock), como o axé do grupo É o Tchan e o sertanejo pop. Na terra de Arariboia, no entanto, a Estação Cantareira, na praça Leoni Ramos – próximo ao campus da Universidade Federal Fluminense, recebia e promovia diferentes bandas de rock. O público jovem da região lotava os shows.

Eventos se proliferaram na cidade inteira, mas era no Bedrock, em Charitas, na Zona Sul de Niterói, onde eram realizadas as principais apresentações. Foi neste momento que os fanzines, que hoje fazem parte da exposição, começaram a exercer papel de mídia especializada, cobrindo eventos e resenhando fitas demo e K7.

Na verdade, nessa época o CD já estava substituindo as fitas K7 e o discman o walkman. Mas as bandas da Terra de Arariboia não tinham verba ainda – nem financiamento – para prensar em CD, porque na época tratava-se do último grito em tecnologia e era caríssimo.

A tecnologia, no entanto, beneficiou os músicos independentes nos anos 2000, pela facilidade de se produzir um material que poderia não só cruzar mais facilmente a Baía de Guanabara como também chegar a outros continentes.

Em 2004, foi criada a primeira edição do Arariboia Rock. A partir dali, o evento entraria para o calendário roqueiro da cidade. Dois anos depois, o evento Arariboia Rock Apresenta trouxe para a cidade bandas hoje conhecidíssimas do grande público e até premiadas, como Vanguard (MT), Móveis Coloniais de Acaju (DF) e NX Zero (SP). Em 2008, o Festival Arariboia Rock, no Teatro Popular de Niterói, trouxe 16 bandas divididas em dois palcos. Com entrada gratuita, os shows atraíram cerca de 3 mil pessoas.

De acordo com Pedro de Luna, o escasso financiamento público e privado é um desestímulo para o surgimento de novas bandas. No entanto, a resistência no front roqueiro niteroiense se mantém. “Niterói é um celeiro de artistas. Hoje, há 300 bandas em atividade na cidade, entre covers e autorais. Temos um grande potencial de mercado.” □

ANDRÉA DE FREITAS MACHADO



Exposição na Sala de Cultura Leila Diniz traz imagens como a da cantora Pitty em início de carreira



Fotos de antigos festivais e peças, como capas de fitas K7 e fanzines da década de 90, surpreendem o público





Alguns dos 5 mil LPs da coleção de Hermínio

Vestígios de uma vida dedicada à cultura

Com 50 mil itens, acervo de Hermínio Bello de Carvalho doado ao MIS traz materiais exclusivos, resultado do trabalho do produtor que foi, ao mesmo tempo, testemunha e participante da história da Música Popular Brasileira.

PRISCILLA DAUMAS



TOM JOBIM mostra, em primeira mão, a música “Inútil Paisagem”. Em outra gravação, Cartola apresenta o samba “Autonomia” para a cantora Elizeth Cardoso. Em comum, estes dois encontros têm a mesma testemunha: Hermínio Bello de Carvalho. E foi graças à iniciativa deste compositor, poeta, escritor e produtor musical e ao seu fiel gravador Philips, que o que ficaria apenas na memória dos presentes naqueles ensaios e reuniões caseiras poderá ser apreciado por todos os amantes da música popular brasileira. O acervo do Museu da Imagem e do Som (MIS) do Rio de Janeiro, que abriga várias coleções particulares e documentos nos mais variados suportes, recebeu 50 mil itens da coleção particular de Hermínio. Sob a responsabilidade do museu ficarão 3,5 mil fotografias e recortes de jornais – distribuídos em mais de 30 livros encadernados –, 440 poesias, 500 correspondências, partituras, discos e gravações.

“É como se 50 mil filhos estivessem saindo de casa. São 60 anos de convivência com os LPs nas estantes, por exemplo. Mas a doação representa uma coisa boa, todo o

conhecimento que adquiri ao longo desses anos será de utilidade pública”, disse pelo telefone Hermínio, em um dia que, segundo ele, o frio combinava com sua saudade.

O acervo é resultado de anos de convívio e trabalho com personagens fundamentais da história da música popular brasileira. São quase 5.000 LPs; gravações exclusivas e informais de shows, ensaios caseiros, depoimentos, conversas e entrevistas; roteiros da Rádio MEC e outras centenas de textos de programas na extinta TVE; atas e mais atas de conselhos que participou; desenhos e caricaturas de Di Cavalcanti, Chico e Paulo Caruso, entre outros; além de manuscritos originais de poemas. A obra musical completa de Hermínio. Cartas, e-mails, cartões – até um bilhete quase desafortunado do compositor russo Igor Stravinsky em passagem pelo Rio, em 1963, são algumas das preciosidades desse arquivo.

“A doação que faço ao MIS não é produto de nenhum desânimo pessoal, mas o de ver minha casa abarrotada de material que poderia estar em circulação. Sempre vociferei que a cultura é dinâmica, plural e tem que circular”, ressaltou Hermínio, no discurso preparado para a solenidade de assinatura do termo de doação, no Museu da Imagem e do Som, na Lapa.

No museu, os itens e objetos do acervo serão preservados adequadamente, além de serem consultados por mais pessoas. Atualmente em fase de catalogação e higienização, todo o material será digitalizado.

A Escola Portátil de Música também será beneficiada com centenas de livros, inclusive a coleção Mário de Andrade. Parte desse Acervo já integra a midiateca que funciona na escola e carrega o nome de Hermínio. O poeta ainda nutre a esperança de recuperar os programas culturais produzidos para a Rádio MEC, na década

de 1950, e também para a TV Brasil (na época, TVE) e entregá-los à Escola Portátil assim que ela ocupe a nova sede, na Rua da Carioca.

Dos 50 mil itens que serão doados, 10 mil já estão disponibilizados no site Acervo HBC – www.acervohbc.com.br.

Privilégio artístico – A doação do acervo, montado graças à preocupação com o registro, a documentação e a preservação da memória, só reforça as ideias de valorização da brasilidade sempre defendidas por Hermínio.

Poucos tiveram o privilégio de serem ao mesmo tempo testemunhas e participantes da história da música popular brasileira como Hermínio. O poeta e compositor teve como parceiros de composição: Cartola e Carlos Cachça (“Alvorada”), Pixinguinha (“Fala baixinho, “Isso é que é viver”), Paulinho da Viola (“Sei lá, Mangueira”, “Timoneiro”), Elton Medeiros (“Pressentimento”), Maurício Tapajós (“Mudando de Conversa”), Chico Buarque (“Chão de Esmeraldas”), Baden Powell (“Valha-me Deus”), Dona Ivone Lara (“Mas quem disse que eu mereço”) e Zé Keti (“Cicatriz”), além de ter letrado choros de Jacob do Bandolim (“Doce de coco” e “Noites cariocas”), a “Estrada do sertão”, de João Pernambuco, além de “Senhora rainha” e o “Prelúdio nº 3”, ambas de Villa-Lobos.

Constam da relação dos intérpretes de suas composições artistas e grupos como Isaurinha Garcia, Marlene, Elizeth Cardoso, Cyro Monteiro, Dalva de Oliveira, Zezé Gonzaga, Carmen Costa, Dóris Monteiro, Noite Ilustrada, Alaíde Costa, Roberto Silva, Wanderléa, MPB-4, Quarteto em Cy, Elza Soares, Gal Costa, Caetano Veloso, Maria Bethânia, Elba Ramalho, Cristina Buarque, Ney Matogrosso, Zélia Duncan, Simone, Zizi Possi, Emílio Santiago e Jane Duboc. □

Acervo HBC - Marco Aurélio



Parte do acervo doado ao MIS



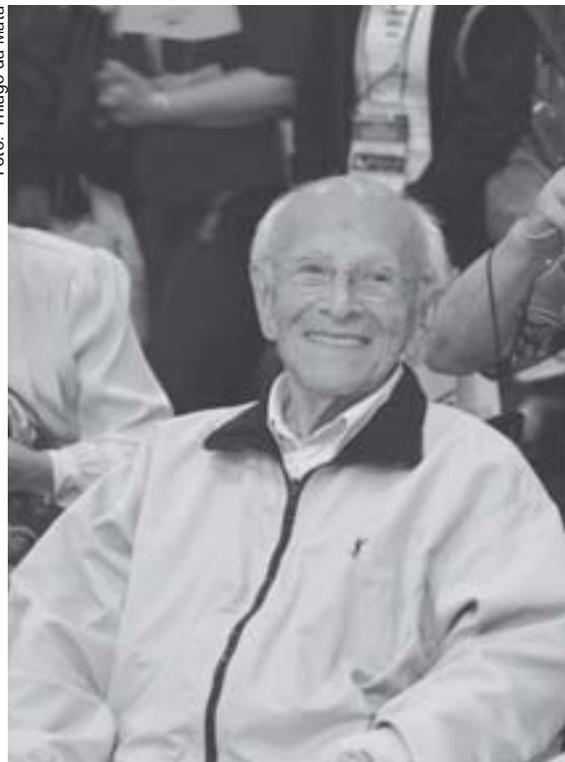
PRODUTOS DURÁVEIS E RESISTENTES PERMITEM O AUMENTO DA VIDA ÚTIL POR MEIO DE RECARGAS E REFIIS

Imprensa Oficial promove a literatura fluminense

Milhares de pessoas que visitaram a XV Bienal do Livro do Rio de Janeiro, de 1º a 11 de setembro, fizeram uma viagem a Niterói do início do século. Com o apoio da Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, o grupo **Letras de Niterói** chamou a atenção do público com um estande original, repleto de atividades literárias e edições bem acabadas de importantes obras do universo editorial fluminense. Além da Imprensa e da Niterói Livros (Fundação de Artes de Niterói), a Editora da UFF (Eduff), a Nitypress, a Intertexto e a Muiraquitã, que integram o grupo de editoras, foram responsáveis por um total de 50 eventos – cerca de 10% do total de atividades promovidas durante a Bienal –, entre os quase 500 expositores. Durante o evento, a Imprensa Oficial distribuiu 14 mil livros.

Com a abertura das portas do Riocentro, na Zona Oeste do Rio, onde aconteceu o maior evento literário do país, o público já se aglomerava no estande da Imprensa Oficial para aproveitar o cenário e fotografar o momento. A ideia de montar um coreto, semelhante àqueles de praça pública para apresentação de bandas e concertos populares, era fazer as pessoas embarcarem na fantasia e voltarem no tempo. Preparado com banquinhos de praça, casarios antigos, iluminação de arandelas e piso de pedras portuguesas, o cenário do coreto tornou-se ponto de visita obrigatória para jovens e adultos. Um painel composto por dois modelos em tamanho real, idêntico a um casal vestido com roupas de época, divertiu os visitantes que toparam ser fotografados encaixando as cabeças nos manequins. A réplica de uma máquina fotográfica no estilo lambe-lambe conferiu um toque a

Foto: Thiago da Mata



O escritor e poeta de 99 anos Luís Antônio Pimentel emprestou seu nome à praça localizada no centro do estande Letras de Niterói



Foto: Ricardo Chau

Pela terceira vez consecutiva, Niterói foi a única cidade nominalmente representada no evento. Ao lado, criança ganha livro Rio de Janeiro – Um Estado de Esporte

AO COMPRAR LÂMPADAS OU ELETRODOMÉSTICOS, PREFIRA OS QUE TÊM O SELO PROCEL



e encanta o público na XV Bienal do Livro

mais de charme à Praça Luís Antônio Pimentel – batizada em homenagem ao escritor e poeta de 99 anos que ajudou a introduzir o haicai no Brasil.

Um jogo interativo sobre o meio ambiente fez a alegria de crianças e adultos que, ao responder um questionário simples e divertido, ampliaram o conhecimento sobre a preservação da natureza e ainda levaram como prêmio um dos livros da Imprensa Oficial e a revista **O Prelo**, suplemento cultural da empresa pública. Os dois totens usados na brincadeira foram cedidos pelo Proderj, que estreou os modelos novos na ocasião. Com isso, mais de 12 mil pessoas participaram do jogo e, no total, foram distribuídos 14 mil livros e 10 mil exemplares de **O Prelo**. A Subsecretaria de Comunicação do Estado também apoiou o evento.

Entre os livros doados estavam os títulos da seleção **“Carlos Mônico Leu e Recomenda”**, que reúne obras de autores renomados como Euclides da Cunha, Joaquim Manoel de Macedo, Casimiro de Abreu, Luís Edmundo e de Capistrano de Abreu.

Carlos Mônico é bibliófilo e proprietário da Livraria Ideal, fundada em 1935. Ao longo dos anos, ele formou uma biblioteca de obras raras com mais de oito mil livros e duas mil revistas, que junto com o acervo de fotografias hoje disponibiliza à população. A coleção completa foi cedida em comodato ao Centro de Memória Fluminense.

Membro da Academia Brasileira de Letras, o imortal Arnaldo Niskier lançou o livro infantil **“O dia em que o mico-leão chorou”**, obra que trata de forma lúdica a preservação da natureza.

Prestigiado pelo público, o grupo **Letras de Niterói** transformou-se numa marca, um símbolo da produção literária fluminense. □

Niskier e clássicos entre os livros distribuídos

Cinco clássicos da literatura reeditados pela Imprensa Oficial voltaram às mãos da população durante a XV Bienal do Rio de Janeiro. A seleção **“Carlos Mônico leu e recomenda”** é constituída pelos livros **“Contrastes e Confrontos”**, de Euclides da Cunha, **“Memórias da Rua do Ouvidor”**, de Joaquim Manoel de Macedo – também autor de **“A moreninha”**, e **“Recordações do Rio Antigo”**, de Luís Edmundo. **“As Primaveras”**, obra-prima de Casimiro de Abreu, e **“Capítulos de História Colonial”**, de Capistrano de Abreu completam a seleção. Os títulos foram distribuídos gratuitamente ao público presente no lançamento e aos visitantes que participaram do jogo interativo sobre meio ambiente.

“Nunca pensei viver um momento como esse com a apresentação desses cinco clássicos com o meu nome no selo de qualidade. É um motivo de grande orgulho fazer parte dessa iniciativa. Gostaria de parabenizar a Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro por levar ao público livros desses autores tão importantes para a cultura fluminense”, destacou Carlos Mônico, emocionado. Entre as casas coloniais e estabe-



lecimentos comerciais estampados na fictícia Niterói do início do século XX, estava a Livraria Ideal de Carlos Mônico – um dos símbolos da cultura niteroiense. **“O Governo do Estado do Rio de Janeiro e a Imprensa Oficial sentem-se honrados pelo privilégio em ser um dos incentivadores do grupo Letras de Niterói e da cultura fluminense”**, destacou o diretor-presidente da Imprensa Oficial, Haroldo Zager, durante o lançamento.

Já o membro da Academia Brasileira de Letras, Arnaldo Niskier, lançou o livro **“O dia que o mico-leão chorou”**. A obra destaca a preocupação com a preservação da mata atlântica e a extinção de um dos animais típicos desse tipo de vegetação, que na época em que livro foi escrito (década de 90) estava sendo contrabandeado para países da Europa.

“Meu desejo é ajudar ao país na preservação e recuperação de animais como o mico-leão. O contrabando desta espécie para o exterior me motivou a escrever esta história”, contou Niskier, que cedeu os direitos autorais da obra.

NÚMEROS DO GRUPO LETRAS DE NITERÓI NA XV BIENAL DO LIVRO

Editoras participantes:

Imprensa Oficial, Editora da UFF (Eduff), Niterói Livros (Fundação de Artes de Niterói), Nitpress, Intertexto e Muiraquitã

Número de atividades: 50

Livros distribuídos pela Imprensa Oficial: 14 mil

Público que participou de jogo interativo: 12.618

Autores de obras lançadas pela Imprensa Oficial:

Arnaldo Niskier, Euclides da Cunha, Joaquim Manoel de Macedo, Luís Edmundo, Casimiro de Abreu e Capistrano de Abreu.



O PROGRAMA DE CONSERVAÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA (PROCEL) INFORMA QUE O PRODUTO GASTA MENOS ENERGIA

DO MAR À MONTANHA, ENTRE BÊNÇÃOS E LENDAS...

Macaé, a capital brasileira do petróleo

Foto: Divulgação Prefeitura de Macaé - Anna Chaffin

LUIZ AUGUSTO ERTHAL

Figurando entre os mais tradicionais municípios fluminenses, Macaé assumiu posição de destaque em praticamente todos os ciclos econômicos que geraram a riqueza do Brasil e do Estado do Rio. No século XIX, a cidade era o destino final do canal Campos-Macaé, obra faraônica do Império – na época, o maior canal artificial do mundo, com 109 quilômetros de extensão –, por onde escoava a produção açucareira da região. Na segunda metade do século XX, com a descoberta, pela Petrobrás, de ricas jazidas de petróleo na chamada Bacia de Campos, o município se colocou no centro onírico do país em sua busca pela autossuficiência energética.

No entanto, a capital brasileira do petróleo – condição assumida em razão de sua localização estratégica, posicionada de forma frontal aos principais campos de exploração petrolífera no litoral fluminense – também enfrenta os seus fantasmas. São assombrações que parecem igualmente surgir de forma cíclica, assim como os surtos de desenvolvimento econômico. Em meados do século XIX, a cidade teria se tornado vítima da maldição de Mota Coqueiro, um importante

fazendeiro da região que, segundo alguns historiadores, seria o último homem livre condenado à pena de morte no Brasil.

A “Fera de Macabu”, como se tornou conhecido esse personagem histórico, fora acusada de ordenar a chacina de uma família de colonos seus, fato contestado em investigações posteriores que revelariam indícios de erro judicial no processo. Condenado à forca e após ser-lhe negada por Pedro II a graça imperial – perdão concedido pelo Imperador, segundo a sua vontade, aos apenados por crime capital –, Mota Coqueiro teria lançado uma maldição sobre a cidade na qual foi acusado e executado, profetizando 100 anos de estagnação econômica para Macaé como punição pela condenação de um inocente.

Efetivamente, o porto de Imbetiba, que chegou a ser um dos mais movimentados do país, perdeu grande parte de sua atividade alguns anos depois, com o surgimento da ferrovia. O declínio do açúcar

e do café, em seguida, trariam inevitável decadência para a economia fluminense e, conseqüentemente, estagnação para cidades como Macaé. Foram precisos cerca de cem anos, como vaticinara o condenado Mota Coqueiro, para a região redescobrir o apogeu econômico com a descoberta, em meados da década de 1970, de petróleo na plataforma continental.

CRESCIMENTO MAIOR QUE A CHINA

Contudo, o que seria motivo de euforia tem se revelado, apesar da riqueza e dos benefícios gerados pelo petróleo, em um fator de graves problemas e preocupações. A cidade pacata de vinte anos atrás



Imagem do antigo Porto de Imbetinba



experimentou um crescimento em níveis superiores aos da China. Em apenas duas décadas, a população do município saltou de 30 mil habitantes para quase 200 mil, numa explosão demográfica da ordem de 600 por cento.

Imigrantes de todas as regiões do país – especialmente do Nordeste – chegaram em busca de um eldorado só existente para um seletivo grupo de profissionais e empresas altamente qualificados, condição que falta à maioria daqueles que vieram se aventurar e, desempregados, acabaram favelizando bairros da cidade como o Lagomar, uma área de proteção ambiental onde vivem hoje cerca de 45 mil pessoas em condições precárias.

Por outro lado, todos os serviços gerados pelo setor petrolífero provocam uma enorme sobrecarga para o sistema de transporte e a estrutura urbana de Macaé. Da vizinha Rio das Ostras, cidade escolhida por muitos prestadores de serviços para morar justamente porque o setor imobiliário macaense não tem conseguido atender pronta e completamente a demanda habitacional, chegam diariamente todas as manhãs 17 mil veículos, que engarrafam o acesso pela Rodovia Amaral Peixoto.

A descoberta das extraordinárias jazidas do pré-sal, que deveria trazer uma expectativa de maior bonança, despertou, na verdade, apreensão diante da cobiça e da ameaça de mudança nas regras da partilha dos *royalties* do petróleo. Paura, agora, sobre a cidade o fantasma de uma nova maldição: a maldição do petróleo, que atinge ao redor do mundo grande parte das cidades localizadas nos campos de exploração do chamado “ouro negro”. A visão de territórios arrasados, como resultado dos danos sociais e ambientais produzidos ao final do esgotamento das jazidas petrolíferas, é uma dura realidade em várias partes do globo que aumenta o sentimento de desesperança dos macaenses, como de resto de todos os fluminenses, em face da disputa dos estados não produtores pelos *royalties* do petróleo.



Plataforma de exploração de petróleo no mar

Foto: Divulgação - Luiz Bispo

UMA CIDADE TRANSFORMADA PELO PROGRESSO

Enquanto isso, Macaé continua crescendo freneticamente e numa inquietude que em nada se assemelha aos tempos anteriores à chegada da Petrobrás, com a instalação de suas bases de apoio ao trabalho de exploração dos campos petrolíferos no mar. Quem vem de Rio das Ostras pela RJ 106 pode testemunhar o *frisson* do desenvolvimento econômico ao longo das cercanias outrora descampadas da Lagoa da Emboassica, onde brotam condomínios e casas de bom padrão construtivo.

Entrar na cidade por este lado proporciona uma visão quase didática da prosperidade econômica produzida pelo petróleo. Primeiro vê-se algumas das instalações de apoio à indústria petrolífera, com o Parque de Tubos, na margem esquerda da rodovia, onde são estocados os longos canos metálicos utilizados pelas plataformas em alto mar na perfuração dos poços. Para lá se dirige diariamente um grande contingente de trabalhadores, vindos dos bairros mais pobres.

No percurso em paralelo às praias dos Cavaleiros e Campista, o visitante é introduzido em Macaé pela parte mais nobre da cidade. Imponentes prédios envidraçados, hotéis de cadeias internacionais, belas residências, várias empresas, restaurantes refinados e toda espécie de serviços, como clínicas de saúde, escolas e bancos, estão presentes nessa parte recentemente desenvolvida.

A própria Praia dos Cavaleiros se transformou em importante polo gastronômico, capaz de atender aos mais exigentes paladares, com restaurantes que oferecem desde pratos da cozinha internacional até as típicas peixadas da região.

No final da reta da RJ 106, onde se dobra à esquerda para alcançar o Centro da cidade, desviando-se de um recorte do litoral, está instalada a sede operacional da Petrobrás na enseada de Imbetiba. O ponto de contato entre a base em terra e as plataformas no mar, no entanto, fica do outro lado da cidade, no movimentado aeroporto de Macaé, de onde decolam diariamente dezenas de helicópteros que fazem o transporte do pessoal embarcado.

Embora hoje muito mais movimentadas do que no passado, as ruas centrais de Macaé ainda preservam muito da fisionomia urbana original. Da chamada Rua da Praia, cuja calçada margeia o final do Rio Macaé em seu encontro com o mar, ainda se descortinam as traineiras em seu ir e vir constante, como há muitos anos acontece ali. Porém, um olhar lançado um pouco mais longe verá que o mar naquela latitude não pertence mais apenas aos barcos pesqueiros. Rebocadores e plataformas de petróleo agora dividem a paisagem com eles. Estes retirando peixes do mar; aqueles, o óleo negro do progresso, com seus benefícios e transtornos. □

Foto: Luiz Augusto Erthal



Velhas traineiras convivem hoje com rebocadores e barcos de apoio



A CADA QUILOMETRO RODADO, UM AUTOMÓVEL LANÇA NO AR 430 G DE DIÓXIDO DE CARBONO (CO2)



Foto: Divulgação - Kaná Manhães

Identidade ameaçada

Entre as várias ameaças trazidas com as transformações provocadas pela indústria do petróleo, uma das mais preocupantes é a do desaparecimento da identidade do município. O dramaturgo Ricardo Meirelles, secretário de acervo e patrimônio histórico de Macaé, vem enfrentando o problema através de uma militância cultural que tem como objetivo preservar a memória, a história e a identidade macaenses.

“Macaé passa por um momento muito difícil para a sua identidade porque veio uma avalanche de pessoas de fora com uma rapidez muito grande. Isso arrasa qualquer identidade cultural. A cidade recebeu essas pessoas que não conhecem a história de Macaé. Dentro das nossas escolas, a maioria dos professores vem de outras regiões e também desconhece a história do município. A base dos nossos alunos não é daqui. A maioria dos jornalistas locais também não é daqui”, constata Meirelles.

“A nossa maior preocupação é não deixar se perder a nossa identidade. A Secretaria de Acervo e Patrimônio foi criada com esta preocupação, para que a memória do município não se perca. Queremos construir

junto com os novos moradores e habitantes esta identidade. É um pouco complicado porque a maioria veio para trabalhar apenas e não participa da vida social e cultural da cidade. Aí há um certo descompromisso, pois só é possível amar uma cidade se você conhecê-la.”

O bairro industrial concentra as empresas de off-shore do município

Cidade tem orçamento de mais de R\$ 1 bilhão

Porta de entrada do Norte Fluminense, respondendo por 12,5% de sua área total, com 1.216 quilômetros quadrados, Macaé está a 182 quilômetros do Rio de Janeiro. Possui, segundo estimativa do IBGE de 2009, uma população de 194 mil habitantes, com uma renda *per capita* anual de R\$ 120 mil – 30% acima da média nacional. Grande parte dos habitantes é formada por imigrantes de outras regiões do país, sendo que 10% da população são estrangeiros.

O orçamento total do município foi de R\$ 1,07 bilhão em 2009, ano em que recebeu R\$ 178 milhões a título de *royalties* e participações especiais da Petrobrás. A Bacia de Campos – onde se localiza Macaé – é responsável por 80% da produção de petróleo e 47% da produção de gás natural do país. Embora a chegada da Petrobrás na região tenha se dado na década de 70 do século passado, o *boom* de desenvolvimento de Macaé aconteceu sobretudo a partir de 1997, com a instalação de um grande número de empresas no município, após a quebra do monopólio estatal do petróleo.

Primeira cidade do Norte Fluminense e uma das dez primeiras do estado em desenvolvimento segundo o Índice Firjan (chegou a estar em primeiro lugar no ranking

estadual, tendo perdido este ano a posição para Niterói), Macaé foi considerada a nona melhor cidade do Brasil para se trabalhar e fazer carreira, segundo pesquisa feita pela Fundação Getúlio Vargas em 2008. Ainda em 2008, a cidade foi apontada como a mais dinâmica do estado e a segunda colocada do país nessa categoria, segundo o Atlas do Mercado Brasileiro publicado pela Florenzano Marketing.

Totalmente reurbanizada, a Praia dos Cavaleiros apresenta um pólo gastronômico na área nobre da cidade

Foto: Divulgação - Rômulo Campos



EVITE AS LÂMPADAS INCANDESCENTES. ELAS SÃO MAIS BARATAS, MAS SÃO MENOS EFICIENTES



Uma história de índios, piratas e missionários

No ano de fundação de Cabo Frio (1615) tem início a conquista dos Goitacás do Norte, com um triste episódio. Os habitantes da nova vila exigem a destruição dos nativos da vizinhança e espalham em seus campos roupas de doentes de varíola, a fim de contaminá-los. A medida desumana não traz qualquer vantagem aos feitores. O índio continua arredio e, nas planícies de Campos, ainda se mostra “intratável”. Só com a ameaça de pirataria na região surge o interesse no povoamento de Macaé. Durante o domínio da Espanha sobre Portugal, o então ministro espanhol em Londres, o estadista Gondomar, alertou o governo de Madri quando soube da pretensa invasão de aventureiros ingleses. Sem recorrer à luta, o hábil diplomata conseguiu fazer com que os ingleses desistissem da investida. Mesmo assim, o governo espanhol tomou providências para defender a terra, ordenando ao governador-geral Gaspar de Souza que estabelecesse de cem a duzentos índios numa aldeia sobre o rio Macaé, defronte da Ilha de Santana, e que fundasse um povoamento semelhante sobre o rio Leripe (hoje Rio das Ostras), onde os inimigos cortavam as madeiras colorantes de Pau-brasil, principal mercadoria contrabandeada.



Av. Presidente Sodrê nas primeiras décadas do século XX

O filho de Araribóia, Amador Bueno, chefiou o povoado que corresponde hoje à cidade de Macaé. O outro núcleo primitivo se estabeleceu na Freguesia de Neves, onde o missionário Antonio Vaz Ferreira conseguiu catequizar os índios que campeavam às margens dos rios Macaé, Macabu e São Pedro. A colonização oficial, feita pelos jesuítas, só teve início em fins de 1630, quando eles começaram a erguer a Capela de Santana, um engenho e um colégio num lugar posteriormente conhecido

como a Fazenda dos Jesuítas de Macaé. A dominação dos goitacás, e o possível acesso às suas planícies, foram conquistas obtidas pelo trabalho conjunto dos jesuítas João de Almeida, João Lobato e, principalmente, Estevão Gomes, capitão-mor de Cabo Frio. Rico senhor do Rio de Janeiro, Gomes conseguiu apaziguar os selvagens, por ter-lhes prestado ajuda na época da epidemia provocada pelos colonizadores.

Em 1695, um dos sucessores dos Sete Capitães, Luis de Barcelos de Machado, construiu a Capela de Nossa Senhora do Desterro, num lugar posteriormente conhecido como Freguesia do Furado e transferido em 1877 para os domínios do distrito de Quissamã. Apesar de todos esses esforços de colonização, até o fim do Século XVII, Macaé continuou desprotegida. Nas ilhas de Santana instalou-se um centro de piratas franceses que, em 1725, saqueavam todo o litoral. Roubavam embarcações e assaltavam os que traziam gados e mantimentos para a cidade do Rio de Janeiro.

Com a expulsão dos jesuítas, em 1795, por ordem do Marquês de Pombal, a localidade recebeu novos imigrantes vindos de Cabo Frio e de Campos para ocupar as terras já apaziguadas. O povoado progrediu, surgiram novas fazendas e engenhos. O desenvolvi-



Reprodução do enforcamento de Motta Coqueiro



CONSUMA ALIMENTOS DA ESTAÇÃO E DÊ PREFERÊNCIA AOS ORGÂNICOS, QUE NÃO UTILIZAM AGROTÓXICOS

mento da região garantiu sua elevação à categoria de vila, com o nome de São João de Macaé em 29 de julho de 1813. Com o território desmembrado de Cabo Frio e Campos, Macaé torna-se município em 25 de janeiro de 1814. Passagem terrestre obrigatória entre o Rio de Janeiro e Campos, Macaé foi sede do registro criado pelos viscondes de Asseca, com a função de cobrar impostos e fiscalizar tudo o que saía da Paraíba do Sul, mantendo o território sob ferrenha opressão. Em 15 de abril de 1846, a lei provincial nº 364 eleva a Vila São João de Macaé à categoria de cidade.

Em 1862 já circulava o primeiro jornal, o "Monitor Macaense". Com o crescimento da produção dos engenhos de açúcar de Campos, o governo imperial se dá conta da necessidade de auxiliar o seu escoamento, pois o porto de São João da Barra já ultrapassara sua capacidade. Inicia-se, então, em 1872, a construção do canal Campos-Macaé, atravessando restingas, num trajeto

de 109 quilômetros, utilizando como porto marítimo a enseada de Imbetiba. Nascia um importante porto para a economia fluminense, que seria palco de uma intensa agitação comercial no fim do período imperial. A criação da via férrea trouxe novo impulso, com as companhias concessionárias das Estradas de Macaé, do Barão de Araruama, do ramal de Quissamã e da Urbana de Macaé. Mais tarde chegaram os trilhos da Estrada de Ferro Leopoldina. Em 1910, o governador do Estado do Rio de Janeiro, Alfredo Baker, criou a Prefeitura Municipal de Macaé, entregando sua administração ao niteroiense Silva Marques. A população macaense não aceitou a imposição, impedindo a posse e levando o caso à Justiça, que impugnou o prefeito.

Ainda em 1938, a Comarca de Macaé passa a constar de dois termos: Macaé e Casimiro de Abreu. Vinte anos depois, a lei 3.386 constitui a Comarca de Macaé de um só termo, o município

de Macaé, composto pelos distritos de Macaé, Barra de Macaé, Carapebus, Quissamã, Córrego do Ouro, Cachoeiro de Macaé, Glicério e Sana. Mais tarde seriam incorporados os distritos de Vila Paraíso, Frade, Parque Aeroporto e Imboassica. As principais lavouras do município são a cana-de-açúcar, laranja, tomate, café, mandioca, banana, feijão, batata-doce, milho, arroz e abacaxi. A pecuária também é bastante desenvolvida. De sua arquitetura colonial, Macaé conserva apenas a Igreja reformada de Santana e o Forte Marechal Hermes, de 1651. A lenda diz que essas duas construções se uniam por um túnel, feito pelos jesuítas, onde eram escondidos tesouros. Hoje, a descoberta de petróleo na plataforma continental trouxe grande impulso à economia local, fazendo de Macaé um dos municípios que mais contribuem na geração de riquezas para o Estado do Rio de Janeiro.

Fonte: Centro de Memória Antônio Alvarez Parada

Município oferece dezenas de atrações

Confrontado ao norte pela planície campista, com o seu sistema lagunar, a leste pelo mar e a oeste pela Região Serrana fluminense, o município de Macaé oferece diversificadas paisagens e um forte apelo turístico, com muitos rios encachoeirados, matas, praias e lagoas. A Serra de Macaé é um conjunto de distritos do município que possui, entre outros atrativos, cachoeiras, eventos de canoagem e festas tradicionais em homenagem ao padroeiro. Seu principal acesso é através da rodovia RJ-168. Nas proximida-

des da cidade, os pontos turísticos mais destacados são as praias, como as dos Cavaleiros e a Campista. Toda a região é servida de boa infraestrutura hoteleira e gastronômica para atender aos turistas.

Conheça, a seguir, as principais atrações de Macaé:

ARQUIPÉLAGO DE SANT'ANA - O Arquipélago de Sant'Ana é formado pelas ilhas do Francês, Ilhote Sul e Sant'Ana. Localizado a 8 quilômetros do cais do Mercado Municipal é utilizado para o lazer e para a pesca. Nele vivem colônias

de gaiotas além do vai e vem de algumas espécies de aves que migram da América do Norte na época do inverno.

PICO DO FRADE - O Pico do Frade é o ponto mais alto do município. Tem 1.429 metros de altitude, estando a 56 km do centro urbano. Ideal para a prática de escaladas e caminhadas, de preferência com guias, que podem ser contratados na cidade.

PEITO DO POMBO - O Peito do Pombo, com

1.120 metros, situado próximo ao Arraial do Sana, onde a natureza esconde belezas exuberantes, incluindo cachoeiras praticamente intocadas.

CORREDEIRAS DE GLICÉRIO - As corredeiras de Glicério tornaram-se famosas com a prática de canoagem, devido à presença de uma antiga usina de eletricidade nas imediações. A comunidade local desenvolveu um interessante esporte denominado "boiagem", que consiste em descer as corredeiras em boias feitas de pneus de automóveis.

RIO MACAÉ - O Rio Macaé nasce na Serra de Macaé, em Lumiar (5º Distrito de Nova Friburgo), numa área de proteção ambiental conhecida como Macaé de Cima. Desce a região serrana e deságua no Oceano Atlântico. Grande parte de seu leito é navegável. É o rio que abastece a cidade.

LAGOA DE JURUBATIBA - A Lagoa de Jurubatiba é uma das menores entre as 18 lagoas que integram o Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba. Suas águas de coloração escura, devido à presença de raízes, são límpidas e transparentes. É permitida a visitação e o banho, mas a pesca não é permitida.

LAGOA DE IMBOASSICA - A Lagoa



Foto: Divulgação - Molsés Bruno

Cachoeira Sete Quedas, no distrito de Sana



turísticas para os visitantes

de Imboassica já foi considerada um verdadeiro santuário ecológico. Hoje em dia recebe dejetos de esgoto domiciliar de alguns bairros que surgiram em seu entorno e má preservação devido à exploração imobiliária. Já foi muito procurada para as atividades de lazer e para a prática esportiva. Tem uma área de 5 quilômetros quadrados, fazendo limite com o município de Rio das Ostras e está a 11,5 quilômetros do Centro da cidade.

PRAIA DO PECADO - A Praia do Pecado é a continuação da Praia dos Cavaleiros até encontrar-se com a Lagoa de Imboassica, já no limite com o município de Rio das Ostras. Ideal para o surfe e para o *bodyboard* e é muito procurada também para a prática de pesca de mergulho e pesca de linha.

PRAIA DOS CAVALEIROS - A Praia dos Cavaleiros localiza-se no bairro de mesmo nome, reduto dos principais restaurantes da cidade. Ideal para o banho e para a pesca em suas várias lajes e costões. Na Praia dos Cavaleiros realizam-se as competições esportivas do FestVerão.

PRAIA CAMPISTA - A Praia Campista é de mar aberto e agitado, sendo muito utilizada para a pesca e há também escolas de windsurf, por ser um local com ótimo espaço e condição para a prática

desse esporte. Localiza-se entre a Prainha do Farol e a Praia dos Cavaleiros, muito próxima ao centro urbano.

PRAINHA DO FAROL - A Prainha do Farol tem apenas 120 metros de extensão. Quando o mar está calmo, suas águas cristalinas são um convite ao banho e também para a pesca. Nesta praia localiza-se a ruína do antigo farol de Macaé, construído em 1880, nos primeiros anos de existência do município.

PRAIA DE IMBETIBA (PRAIA DE COCOTÁ) - A Praia de Imbetiba abriga hoje o Terminal de Imbetiba, em apoio às atividades de extração de petróleo na plataforma continental. Recebe descarga de afluentes sanitários tratados do bairro Parque Valentina Miranda e da Petrobrás. É muito procurada para a prática de *cooper* e para passeios ao amanhecer e ao entardecer.

PRAIA DE SÃO JOSÉ DO BARRETO - A Praia de São José do Barreto é um prolongamento da Praia da Barra. Recebe alguns detritos do Rio Macaé. É uma das preferidas pelos pescadores de linha. Esta praia atravessa o Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba.

CABECEIRA DO SANA - Arraial do Sana é um distrito de Macaé, conhecido por suas matas e cachoeiras. Possui diversos

campings. É possível praticar rafting e rapel no local.

SOLAR DE MONTE ELÍSIO - O Solar de Monte Elísio tem destaque no cenário urbano macaense. O prédio foi erguido no sopé de uma pequena elevação, na Avenida Santos Moreira, bairro Visconde de Araújo. Hoje é a sede do Instituto Nossa Senhora da Glória (Castelo). Sua construção ocorreu em 1852, obedecendo o neoclássico, e na parte interna destaque para a escada em madeira, com as iniciais do Visconde de Araújo.

FORTE MARECHAL HERMES - Dizem que foi construído em 1761, mas há quem afirme que foi em 1725. Esta fortaleza, erguida para defender o litoral macaense dos corsários, sofreu reforma em 1908, sendo inaugurado em 1910, levando o nome do Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca. As visitas guiadas ao forte são permitidas.

FAROL DE IMBETIBA - O Farol de Imbetiba foi restaurado em 1999. O velho farol foi construído em 1880, para atender as necessidades do Porto de Imbetiba, que funcionava como escoadouro da produção agrícola da Baixada Campista e de Macaé. As visitas são permitidas e o acesso se dá pelo Trevo da Petrobras, na praia Campista. □



MAIS DE 20 MILHÕES DE TONELADAS DE LIXO ELETRÔNICO SÃO DESCARTADOS POR ANO



A lenda de Sant'Anna

A cidade de Macaé foi fundada à margem do rio de mesmo nome, próximo ao Morro de Sant'Anna, sendo inicialmente uma fazenda agrícola que no correr dos anos se tornou conhecida como Fazenda de Macaé ou Fazenda do Sant'Anna. A Igreja de Sant'Anna foi fundada mais tarde, em 1896, e hoje é um patrimônio da cidade.

Conta a lenda que a imagem de Sant'Anna foi encontrada por pescadores numa das ilhas do arquipélago que lhe dá o nome (ilha de Sant'Anna). Trazida para o povoado, a imagem

teria sido colocada no Altar-Mor da Capela dos Jesuítas, desaparecendo misteriosamente no dia seguinte. Foi encontrada alguns dias depois novamente na ilha e levada outra vez à capela. O fato repetiu-se mais duas vezes. Na terceira fuga, concluíram os devotos que a santa sentia saudades da ilha, que era avistada do Altar da Capela.

Desta forma reedificaram o templo, voltando sua fachada frontal para o ocidente, onde a santa não divisaria mais o mar e o arquipélago de onde viera.

O canal Campos-Macaé

Uma das maiores obras da engenharia do século XIX foi idealizada pelo inglês John Henry Freese com o objetivo de ligar o rio Paraíba do Sul ao rio Macaé. Atravessava a região das restingas e alagadiços utilizando parte do leito das lagoas de Jurubatiba, Carapebus, Paulista e Feia. Visava facilitar o escoamento da produção açucareira, através do canal, ao porto de Imbetiba em Macaé, seguindo para o Rio de Janeiro. Sua construção começou em 1844, dependendo da mão-de-obra escrava. Considerada obra "faraônica" para a época, o canal de 109 km foi inaugurado em 1861, somente começando a



operar em 1872 com viagens regulares do vapor Visconde. Atualmente corta os municípios de Campos dos Goytacazes,

Quissamã, Carapebus e Macaé, incluindo o trecho urbano de Campos, onde se denomina Canal do Cula ou Grande Canal.



A SALA DE CULTURA LEILA DINIZ, INAUGURADA NO DIA 1º DE JULHO EM COMEMORAÇÃO AOS 80 ANOS DO DIÁRIO OFICIAL, É A NOVA CASA DA CULTURA FLUMINENSE. O MODERNO ESPAÇO É CAPAZ DE ABRIGAR DIFERENTES TIPOS DE MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS SEM CUSTOS PARA OS EXPOSITORES.



SALA DE CULTURA LEILA DINIZ

FUNCIONAMENTO:

De 2ª à 6ª - de 10:00 às 17:00 h.

Sábado de 14:00 às 17:00h. – ENTRADA FRANCA

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81 Centro, Niterói - Rio de Janeiro

ENVIO DE PROJETOS PARA AVALIAÇÃO:

www.imprensaoficial.rj.gov.br

saladecultura@imprensaoficial.rj.gov.br



Dentro de um livro, a gente encontra mais que histórias. Encontra cidadania.

O Projeto Mais Leitura, criado para democratizar o acesso à cultura, disponibiliza grandes obras literárias a preços populares. Para adquirir a sua, vá às unidades do Rio Poupa Tempo e procure a Agência da Imprensa Oficial.

Agência São Gonçalo - São Gonçalo Shopping - Avenida São Gonçalo, nº 100, 3º Piso - Rio Poupa Tempo, Boa vista, São Gonçalo - RJ, 24466-315

Agência São João de Meriti - Shopping Grande Rio - Rodovia Presidente Dutra, 4.200 - Jardim José Bonifácio, São João de Meriti - RJ (Rio Poupa Tempo) 25586-970

Agência Bangu - Endereço: Bangu Shopping - Rua Fonseca, 240 2º andar - Bangu - Rio de Janeiro - RJ - 21820-971

Horário de funcionamento: Atendimento de segunda a sexta-feira, das 08hs às 18hs e sábados das 09hs às 13hs.